



VOZ de ANTAS

JULHO - AGOSTO / 1979

3.ª Série — Ano III — N.º 32-33

Director e Editor M:BRITO FERREIRA	Administ. A. FARIA	Propriedade da Paróquia S.PAIO DE ANTAS	Redacção CENTRO PAROQUIAL Telef.87250/130/177	Compos. e Impressão PAX — BRAGA
---------------------------------------	-----------------------	--	---	------------------------------------

BOLETIM PAROQUIAL — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO DO PROGRESSO DA NOSSA TERRA

Jovens Férias

O que são as férias? Fui consultar a enciclopédia. «Período de tempo em que se verifica uma suspensão das actividades ordinárias dos estabelecimentos de ensino» (Enc. VERBO).

Depois de um «rally», o bólido necessita de descanso e de uma boa revisão. O campo, após a colheita, necessita de pousio. A árvore necessita de poda e descanso. O ritmo dia-noite é para o homem um convite ao descanso, ao pousio: Mas hoje o homem já perdeu o ritmo do trabalho-descanso. Pelo menos na cidade o sentido da noite-descanso perdeu-se. As férias, os feriados, os domingos são um tempo de recreação indispensável do homem. Quando as férias, após um ano de estudo, de trabalho servo, aparecem, o homem sente-se recriar — nascer de novo, crescer de novo — para as suas verdadeiras dimensões. (Não esqueçamos que o trabalho doloroso e desgastante surge na vida do homem como castigo).

Férias, «vacances», «holidays».

Férias. A palavra encerra o sentido de festa. Féria é o salário do trabalhador. O pré do soldado. E com que alegria se recebe a féria! Com que alegria se entra em férias! Féria evoca também as festas dos santos distribuídas no curso dos dias da semana. Férias

(Continua na 2.ª página)

IN ILLO TEMPORE!...

O Tio João Penteado — uma figura típica!...

O tio Penteado, por todos assim conhecido, nasceu no Lugar de Guilheta. No local conhecido por Lugar da Penteada, tinha uma casa, onde viveu e morreu, e da qual poucas pedras restam; esse terreno, hoje, pertence ao Senhor Manuel Gregório (pai).

De estatura baixa, muito respeitador e educado, sempre prestável a todos e de espírito alegre, casou com uma moça do Lugar de Azevedo, morador no local onde hoje está construída a casa do senhor Eduardo Agra. Conhecida de todos por tia Anjnhas, era boa mulher, fresca e educada, mas muito vagarosa no trabalho e por isso o povo a alcunhou de «A ligeirinha».

Sós, pois não tinham filhos, viviam do seu trabalho numas leiritas suas e noutras arrendadas. Tinham uma vaca e uma toura.

O nosso tio João era um bom matador de porcos. Certo dia, de manhãzinha, foi a uma casa matar dois porcos; ajudado pela gente da casa sangrou-os; sendo hora do pequeno almoço todos vão reconfortar o estômago para depois os virem enqueimar. Ora acontece que quando chegam à eira onde os tinham deixado, apenas encontram um porco. Procuram-no e encontram-no no meio da horta todo cheio de sangue, às cambalhotas e tentando comer couves. Foi uma risota, pois o porco morto tinha ressuscitado.

Tinha o tio João o hábito de tomar a pitada, e por isso andava sempre com a caixinha do rapé. Por causa do chumbo em

que o rapé vinha embrulhado, as crianças, de quem ele era grande amigo, andavam sempre atrás dele, para lhe pedirem as folhas com as quais faziam bolinhas...

Quando passava por alguém, tomava logo uma boa pitada, para, logo a seguir, dar dois ou três espirros. O tio Rito também apreciava o rapé; só que também gostava de cigarros e o dinheiro não chegava para as duas coisas. Por isso, o tio João, quando passava por ele, oferecia-lhe a caixinha, para tirar uma boa pitada. O tio Rito quando o avistava, agarrava um botão do casaco com dois dedos para fazer uma cova e a pitada ser maior.

O tio João Penteado era quem tratava de todos os assuntos que diziam respeito à Capela de Santa Tecla. Grande apaixonado pelos bailes no dia da Festa, era todos os anos o festeiro de Santa Tecla.

Certo dia, houve uma grande procissão de penitência em que saíram todos os Santos de maior devoção do povo. Santa Tecla também foi levada para a Igreja Paroquial para no seu andor tomar parte na dita procissão. Haviam chamado um pregador de grande fama, conhecido por «O Mã Cabelo». Conforme a procissão ia saindo, ele ia perguntando sobre o Santo ou Santa que saía. Quando saiu Santa Tecla, o pregador virou-se para o seu andor e diz: «— E tu, ó Santa Tecla? Quem te obrigou a sair da tua capela? Mas tu não falas e eu bem sei o motivo: foi o amor, o grande amor que tens a este povo teu devoto».

Nessa ocasião, ouve-se uma voz, vinda de fora da porta da Igreja: «Não foi ela que veio! Foi o Penteado que a veio trazer...».

ZÉ DO CAMPO

Memórias da nossa terra

III — Se as nossas Capelas falassem...

Os elementos de que me servirei para este capítulo e para o seguinte (IV) das «Memórias da nossa terra» serão exclusivamente extraídos do manuscrito «livro Capitular das Visitas» de S. Paio de Antas, que se limita ao período que vai desde 1765 a 1823; eu sei que há outras fontes anteriores e coetâneas que poderiam completar estas memórias e dar-lhe outro sabor e outra cor; mas longe dessas fontes como estou, não posso neste momento fazer essa síntese, tendo que me limitar a uma breve descrição cronológica de um período de tempo que, de resto não chega a cem anos.

Tomarei dois aspectos do nosso passado, tanto quanto as «visitas» dessa época os permitem tomar: a vida e as tribulações das nossas capelas a crónica de hoje e os usos e abusos do nosso povo (a próxima crónica).

e telhado e um retábulo decente e desentupir a porta e limpá-la em redor, cujas obras farão os fregueses no termo de seis meses e pena de tres mil reis que os ofi-

(Continua na página 4)



ANTAS



MONUMENTO - HOMENAGEM AO EMIGRANTE

Além da Igreja paroquial, havia em S. Paio de Antas pelo menos cinco capelas a que os documentos fazem referência: a capela de Santa Tecla, a capela da Senhora dos Remédios, a capela da Senhora da Purificação ou da Agra, a capela de S. Cristóvão e a capela da Senhora do Rosário.

Destas capelas a que levou vida mais atribulada e que seria a primeira a sucumbir foi sem dúvida, a da Senhora da Purificação ou da Agra de que os mais antigos ainda se recordam. Todas as referências documentais que a ela aludem revelam o pouco interesse do povo por tudo o que lhe dizia respeito. A 2 de Julho de 1773, a capela não estava ainda forrada do arco para cima nem revocada de cal por fora e por dentro. «A capela da Senhora da Agra necessita de acabar de forrar do arco para cima e revocar de cal por fora e por dentro

EMIGRANTE DESTEMIDO ONTEM, HOJE E AMANHÃ ESTE POVO AGRADECIDO NUNCA MAIS T'ESQUECERÁ

EMIGRANTE CONSTRUTOR DO BEM ESTAR DA NOSSA GENTE ESTA ESTÁTUA QUER DEPOR QU'ESTÁS LONGE E NÃO AUSENTE

(Continuação da 1.ª página)

é a saída do habitual. E sair do habitual — do trabalho, do estudo, da Rua — é algo novo. E a novidade desperta em nós a festa, o sentirmo-nos transportados a um mundo que nos recria. Como eu lembro as festas da minha meninice! Ir à Senhora da Assunção, à Senhora do Amparo, ao S. João de Braga... até a preparação já era festa. Depois saíamos de casa. Era uma Igreja diferente, era até uma *santa* diferente, o padre parecia menos aborrecido que o da minha aldeia. Era festa. Carrinhos, jogos, quermesses, luzes, enfeites... Tudo diferente do dia a dia. Do caminho da escola, da palmatória do professor, dos pequenos mandados de meus pais. Era festa. E as férias são festa. De lado o trabalho escolar, o trabalho da fábrica, do emprego. Vamos para outra terra. São relações diferentes, costumes e até as comidas. Diferente também a maneira de ocupar o tempo. É um trabalhar que eu escolho e me não é imposto. Nele e dele eu sou *senhor*. As férias são festa a lembrar a verdadeira dimensão e vivência da vida. Viver é belo quando se vive em festa.

«Vacances» é a palavra francesa para dizer férias. Este termo põe em relevo um outro aspecto das férias. As férias são repouso. Repousa o campo e a árvore que a primavera despertará. Depois haverá novas colheitas. Repousa o atleta que marca o «penalty», que prepara o salto, o mergulho. Aquele momento de repouso e concentração lança o homem para o alvo. Também as férias são repouso para o homem se contemplar e projectar. Deus viu que quanto criara era bom e repousou no sétimo dia. Cristo mandou sentar as multidões cansadas e serviu-lhes a refeição. As férias são esse descanso vital para que o homem se refaça e se sinta homem livre, inteligente e criador. As férias são repouso para que o homem viva.

«Holidays», assim chamam os ingleses às férias. A palavra significa «dias sagrados». Que conotação bela para as férias! Todos nos queixamos que o ritmo moderno da vida é implacável para a dimensão espiritual do homem. Manhã cedo, levantar e ir para o trabalho. Engole-se a pinga do leite de pé e à pressa (que o autocarro não espera). As oito é necessário arcar a entrada no automático. E depois é o trabalho ao ritmo acelerado da máquina. As palavras torpes do colega do lado... Enfim, o lufa-lufa pelo ganha pão de cada dia. Enfim, uma luta — em que ficamos vencidos — contra o aumento de custo de vida e da inflação. São assim os dias. Pesados, alienantes, despersonalizantes. E quando a noite chega, corpo cansado não quer rezar. Mas as férias, tempo sagrado, são para temperar a nossa vida com a de Deus. Um curso religioso, um retiro, um livro... uns dias passados no silêncio dum convento para aprender a rezar. Férias, tempo sagrado, para perscrutar a «palavra de Deus». Na montanha foi a eucaristia vivida com a gente simples e crente da aldeia. Na praia foi a eucaristia — encontro com gentes, vá, de todo o mundo. As férias permitem-me ver como pessoas diferentes, de diferentes modos, oram ao mesmo Senhor.

Festa. Repouso. Tempo sagrado. Espelho tríplice onde posso ver as dimensões das minhas férias. Os três pincéis que fizeram a beleza do tríptico das minhas férias. Satisfeito, bastante mais recriado (em termos cristãos: bastante mais segundo a estatura de Jesus Cristo), sinto-me penetrar no novo ano escolar, no trabalho do dia a dia onde vou encontrar o estudo, ou o trabalho, ao serviço do homem que sou, ao serviço de todos os homens.

VERÍSSIMO MANUEL

Memórias do Passado

— M. F. VIANA —

Desde tempos muito recuados que na nossa freguesia havia famílias que se dedicavam ao fabrico de pão de trigo para venda.

Não se sabe ao certo quando aqui começou esse negócio, sabe-se no entanto, que na primeira metade do século passado, já havia aqui na freguesia, pequenas padarias artesanais que fabricavam pão de trigo — o chamado pão moreno integral — para ser vendido quer nas feiras e Romarias das redondezas, quer pelas freguesias vizinhas de porta-em-porta.

Também se ignora o motivo de ser na nossa freguesia que começou esse fabrico, pois por esse tempo não havia nas freguesias circunvizinhas ninguém que se dedicasse a esse trabalho; sabe-se até, que foi de cá que irradiou tal negócio para as freguesias vizinhas, a primeira das quais foi Forjães.

Na nossa terra chegou a haver sete fornos de cozer pão de trigo para vender. Não consta que entre as famílias proprietárias dos mesmos houvesse qualquer concorrência pois todos tinham os seus clientes certos, bem como as zonas em que cada um vendia o seu pão.

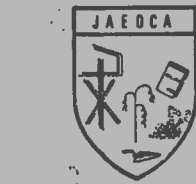
Percorriam todas as feiras e Romarias das vizinhanças e tinham os dias certos em que andavam de porta-em-porta pelas fre-

guesias mais próximas. Se todos iam fazendo o seu negócio como podiam, havia no entanto uma família que se sobrepunha a todas as outras; era a família dos do «Caçador» de quem descende o actual proprietário da padaria que existe na nossa freguesia. Esta família além de ter grande clientela habitual; por alturas das Festas do Natal e do Carnaval, não davam mãos a medir para fabricar o pão com que se faziam as saborosas rabanadas.

Ministro extraordinário da Comunhão

Após um curso de preparação, no Centro Apostólico do Sameiro, foi dada provisão válida por três anos a António C. Sottomayor C. de Oliveira para ministro extraordinário da Comunhão.

Transcrevemos da provisão: «No desempenho do seu múnus não esquecerá que exerce um elevado serviço em favor da comunidade, contribuindo assim para a edificação da Igreja, e sobretudo a Santíssima Eucaristia e dar testemunho, diante dos outros fiéis, de devoção e respeito para com o augustíssimo sacramento do altar» (Inst. Immense Caritatis).



Torneio de Xadrez e Damas

Prosseguindo na obra de dinamização cultural e desportiva a JAEOCA levará a cabo brevemente um torneio de Xadrez e Damas aberto a todos os interessados. As inscrições serão feitas no Centro Paroquial acompanhadas da importância de 20\$00.

Os concorrentes com idade inferior a 15 anos terão inscrição grátis.

Exposição

O Sector de Cultura da JAEOCA envidou esforços no sentido de encorajar qualquer manifestação artística juvenil. Brevemente estará patente ao público uma exposição de trabalhos. (Desenho, Pintura, Fotografia...).

Os interessados em colaborar mais directamente dirijam-se ao responsável do

Sector na certeza de que encontrarão todo o nosso apoio.

Escola de Música

O Sector de Iniciação Musical da JAEOCA recomençará com as aulas de Formação Musical. Os jovens interessados em em darem os primeiros passos (ou continuá-los) no mundo da música.

Inscrevam-se, por favor, nos locais do costume.

I Concurso de Pesca Desportiva

Depois do êxito do II Torneio de Tiro aos Pratos o Sector de Actividades livres da JAEOCA levará a cabo o I Concurso de Pesca Desportiva no rio Neiva.

O referido Concurso integra-se nas festividades de Santa Tecla.

Donativos para a transladação M. M. Marques

Contribuíram:

António Braga	1.000 F. B.
José Dias	1.000 » »
António Aldeia	1.500 » »
José de Faria Pires	1.000 » »
Manuel da Cruz	1.000 » »
José das Neves	1.000 » »
Alfredo Cardante	1.000 » »
Manuel Caseiro	1.000 » »
Manuel Lemos	1.000 » »
Manuel Sá Pereira	1.000 » »
Sevéro da Rocha	1.000 » »
Francisco Freitas	1.000 » »
Lúcio Ferreira	1.000 » »
Manuel Narciso	1.000 » »
Toninho Braga	1.000 » »
Manuel Rebelo	1.000 » »
Manuel Laranjeira	1.000 » »
Joaquim Marques	1.000 » »
José Laranjeira	1.000 » »
Domingos Faria	1.000 » »

António Faria	1.000 F. B.
José da Silva Costa	1.000 » »
António Moreira	1.000 » »
Victor Caía	1.000 » »
Rogério Sabino	1.000 » »
José António Braga	1.000 » »
Joaquim Braga	1.000 » »
Fernando Faria	1.000 » »
Manuel Oliveira	1.000 » »
Alfredo Braga	1.000 » »
Agostinho Italia	1.000 » »
Francisco Fernandes	1.000 » »
Francisco Peixoto	1.000 » »
Marquete Julio	1.000 » »
Marte Cok Olow	1.000 » »
Joaquim Teixeira	1.000 » »
Manuel Faria Pires	500 » »
Agostinho Coutinho	500 » »
Domingos Cepa	500 » »
Joaquim Gomes	500 » »
Manuel Fernandes	500 » »
Emílio Alves	500 » »
Manuel Moreira	500 » »
João Cardoso	500 » »
José Moreira	500 » »
Joaquim Cardeira	500 » »
Porfírio Lisboa	500 » »
David Braga	500 » »
Café Stop L.	500 » »
Virgílio Teixeira	500 » »
Fernando Carqueijo	500 » »
André Franqueira B.	500 » »
António Oliveira	500 » »
Joaquim do Porto	500 » »
Manuel Direitinho	500 » »
Jorge Beca	500 » »
Alberto Porto	500 » »
Rogério Quintas	500 » »
José Peixoto	500 » »
Francisco do Porto	600 » »
Rodrigues Espanha	300 » »
Joaquim Oliveira	300 » »
Alfredo Oliveira	300 » »
Vitória Pires	300 » »
António Fernandes	500 » »
Policarpo Pereira	500 » »
Felicite Italia	200 » »
Trobbuso Italia	200 » »
Manuel Pacheco	100 » »
Carlos Espanha	100 » »
Pépe Espanha	100 » »
José Querido	400 » »
Café Maior	200 » »
José do Carmo	200 » »
Michel Belgos	200 » »
António Cardante	500 » »

Donativos oferecidos por emigrantes portugueses residentes na província de Natnaut, Bélgica, no total de 53.000 Francos Belgas.

Notícias Locais

● O Poeta Corrêa d'Oliveira homenageado na CASA DE BELINHO

A aldeia de Antas, no próximo dia 30, assistirá a uma significativa homenagem ao autor do «Verbo Ser e Verbo Amar», entre outros. Na capela de Nossa Senhora do Rosário, da Casa de Belinho, haverá uma concelebração, às 17 horas, presidida pelo Senhor Arcebispo Primaz, D. Eurico Dias Nogueira. A comunidade paroquial assistirá a esta Celebração Eucarística solenizada pelo Grupo Coral. Com a colocação de uma placa alusiva ao acto, no Ring Gimnodesportivo, se pretende chamar a atenção das gentes locais e, sobretudo, dos jovens para o dever de gratidão ao doador do terreno — A. Corrêa d'Oliveira.

● Cruz Vermelha

A Direcção do Núcleo da Cruz Vermelha Portuguesa, cuja tomada de posse se efectuou no passado dia 23 de Junho corrente, informa que esta Instituição de ordem humanitária se encontra aberta a todos aqueles que com ela queiram colaborar e a todos aqueles que dela necessitem, desde que as soluções estejam dentro das suas capacidades.

«A Delegação de Braga da C.V.P. através da sua Antena de Socorrismo, vai, durante os meses de Verão, ministrar Cursos de Primeiros Socorros, nas praias de Esposende e Apúlia e em outros locais onde se justificar, pelo que os interessados em frequentar tais cursos, devem comunicar, o seu nome e morada ao Núcleo da C.V.P. de Esposende, sito no Edifício da Câmara».

● Câmara Municipal

A Câmara Municipal de Esposende, nos termos do n.º 1 do Artigo 773.º, do Código Administrativo, comunica que ficam sujeitas ao Imposto de Turismo, as casas arrendadas, por tempo inferior a 6 meses, pelo que os proprietários deverão fazer, no prazo de 10 dias após a ocupação da casa, a declaração de renda, na Comissão Municipal de Turismo, a fim de se proceder à liquidação do respectivo Imposto.

● Ocorrências

Na freguesia de Belinho:

No dia 6 de Junho, morreu afogado num pôço de rega existente numa leira de lavradio, no sítio da Bouça da Areia, José António do Cruzeiro Pereira, de 5 anos, filho de Manuel Torres Pereira e de Maria Gonçalves do Cruzeiro.

No dia 28 de Junho, morreu afogado, na Barca do Lago, Manuel Cândido Bedulho dos Santos, de 22 anos de idade, filho de José Ferreira dos Santos e de Maria de Lurdes Gonçalves Bedulho. O extinto foi à Barca do Lago buscar um camião de areia, e,

enquanto esperava pela sua vez para fazer a carga, foi tomar banho, mas foi tão infeliz que calu num pôço com cerca de cinco metros de fundo, e nunca mais foi visto. Quando o pessoal que ali trabalhava deu falta dele, apenas viu a roupa junto ao rio. Comunicado o caso às Autoridades, prontamente foram requisitados Homens-Rãs, dos Bombeiros de Barcelos, os quais não se pouparam a esforços nas pesquisas mas foram inúteis.

● A JAEOCA terá transporte privativo?!

A iniciativa de adquirir uma Ford Transit 120 misto, será ou não concretizada na reunião da Assembleia Geral, a efectuar no próximo dia 29, às 8 horas da manhã.

● Eleições da Confraria do SS. Sacramento

LISTA A

Zelador — Paulino Pereira da Torre
Carrinha — Fernando Jaques Vieira
Mordomo da Cruz — Albino Torres Pereira
Mordomo da Igreja — Arlindo L. Gomes
Zelador — Justina Viana da Cunha

MORDOMOS DO PÁLIO

Manuel Gonçalves Ribeiro
David Rodrigues Moreira
Manuel Augusto Viana Sampalo
António Alves Meira da Cruz
Gonçalo Ferreira de Gregório
Manuel António de Barros Viana

● Reconstruída a estrada (da Painça)

Há tanto tempo requerido e só agora depois de todos contribuírem, inclusivé a Câmara de Esposende será reconstruída a estrada (da painça) a qual se encontrava em péssimas condições.

● Vacaria

Além das já existentes, no lugar de Belinho, está a iniciar-se mais uma vacaria apetrechada com sala de ordenha, numa propriedade pertencente à família Barros.

● Festa do Emigrante

O Sector de Cullnária da JAEOCA, encarregado de confeccionar o almoço-convívio, na festa do Emigrante em 12 de Agosto, informa que as crianças filhas de Emigrantes terão inscrição gratuita e aconselha a todos a leitura da Ementa:

Canjinha dourada
Acepipes variados
Bacalhau à Nossa Moda
Rojões de Porco à Moda do Minho

SOBREMESA

Salada de fruta
Pudim
Doce sortido

VINHOS

Verde branco
Verde tinto
Espumante
Café
Bagaceira ou Brandy

● Obras paroquiais

Amélia Pires Laranjeira, Belinho, 1.000\$00;
Domingos Xavier da Costa, Gullheta, 2.000\$;
Amélia e Horácio Laranjeira, França, 1.312\$;
Emílio da Vigária, Monte, 1.000\$; José de Sá, Azevedo, 500\$; Maria Vaz Saleiro, Azevedo, 2.000\$; Maria Lourenço Faria, Azevedo, 2.000\$; Manuel Alves Rolo (Paulo), Azevedo, 1.000\$; Manuel Crespo e Família, (Argentina), 1.000\$; Palmira Nelva e Ester, Azevedo, 2.000\$; Paulina Pereira da Torre, Gullheta, 1.000\$.

A paróquia reconhecidamente grata pela obra de todos nós!

● Em síntese

Dia 13 de Junho, festa a Santo António, esmolas e promessas: 12.872\$00.

Fez um estágio de Admissão ao Seminário de Nossa Senhora da Conceição, Braga, José Joaquim Cepa Azevedo.

No Seminário das Missões do Espírito Santo: António de Freitas Meira, Manuel Arlindo Torres Arezes e Fernando Torres Arezes.

Bar da sala de convívio paroquial: — 18.498\$00, no mês de Junho, sendo responsáveis — Albino Rolo e Manuel Viana.

A JAEOCA lançou a 1.ª série de esferográficas — 5.000 para publicidade e angariação de fundos.

II Torneio de tiro aos pratos, receita de 5.250\$00 (+2.640\$00)+5.000\$00.

● R.D.P. em Santa Tecla

No dia 19 de Agosto, a R.D.P. transmitirá a Missa solenizada pelo Grupo Coral, às 11h., de Santa Tecla. Não se esqueça, amigo leitor, de sintonizar o seu rádio.

● Rectificação

Da Comissão de Festas a Santa Tecla, faz parte Alexandrino Pereira de Sá e não Alexandrino Pires Laranjeira, como se noticiou no último número.

Receita para o cansaço

Damos a seguinte receita com a garantia de melhorar essa fadiga ou cansaço que, por vezes todos nós sentimos.

Quando estiver cansado, seja por trabalho mental ou muscular, ou por auto-intoxicação, experimente este remédio: beba lentamente um grande copo de água, aproxime-se duma janela aberta, respire, inspirando e expirando devagar e profundamente umas três ou quatro vezes, queixo levantado, ombros para trás, peito para a frente, baixando o diafragma a cada respiração. Em seguida, feche as mãos com força e abra-as umas três ou quatro vezes. Movimente bem os ombros de diante para trás, levante-se duas ou três vezes sobre a ponta dos pés, depois sobre os calcanhares e faça então mais três ou quatro respirações.

Depois disto pode regressar ao seu tra-

balho, descansado, com vigor e energia renovados. Esta receita é uma panaceia para todo aquele que se achar cansado, para a dona de casa, para o homem de escritório. Experimente-a.

Que significa esta tarefa? A fadiga é apenas a presença de venenos no sangue, tóxicos e desgaste material. A respiração profunda dá ao sangue uma grande quantidade de oxigénio, que queima esses tóxicos. Ao contraírem-se os músculos, o corpo começa a queimar os tóxicos e a água serve para a irrigação dos rins, aos quais expulsam os referidos venenos, uma vez queimados.

Esta é uma maneira de nos libertarmos da fadiga removendo a causa, e é um método melhor do que o alívio temporário que se obtém com uma chávena de café ou outros tantos preparados que se servem ao público com o nome de bebidas contra a fadiga. Não nos devemos esquecer que a fadiga é sempre causada por desgaste material e pelos tóxicos do sangue.

A fadiga muscular desaparece com uma noite de bom sono, que é o remédio da Natureza. A forma mais comum de fadiga é a do cérebro. Devemos dizer que para essa forma de fadiga, a prescrição acima é de grande valor. O exercício e o ar puro, em pequenas ou grandes quantidades, expulsam a congestão do cérebro, exercitam os músculos inactivos e eliminam os venenos

causados pela falta de exercício muscular que traz sempre consigo o trabalho mental.

Falemos agora de outra forma mais comum de fadiga, que é a resultante da auto-intoxicação. Esta espécie de fadiga é aquela que o leitor sente de manhã, como se não tivesse dormido, ou talvez mais cansado do que se achava antes de deitar-se. Esta espécie de fadiga faz com que se sintam cansado durante o dia, mesmo naqueles dias em que não se faz nada. É o tipo de fadiga da qual se poderá libertar através da maneira de se alimentar, não o conseguindo, entretanto, através do descanso.

Nesses casos, a nossa prescrição tem um valor duplo, porém terá de ser praticada em doses também duplas. Ainda mais: para este tipo de fadiga não coma carne e elimine todas as guloselmas; coma pão, batatas em muitos legumes, cozidos e crus.

É preciso ter em mente que a pessoa que se alimenta com cuidado e trabalha sob condições satisfatórias, cansa-se muito poucas vezes, pois o seu corpo não está repleto de venenos causados pelos alimentos e os canais eliminatórios não estão obstruídos com excesso de comida. Assim, o homem que se alimenta de forma correcta, quase nunca se sente cansado.

Departamento de Saúde dos E.U.A.

PREPIRA ELECTRODOMÉSTICOS «TROIA»
EXAUSTORES DE COZINHA, GRELHADORES,
YOGURTEIRAS, FORNOS PARA BOLOS,
PANELAS MÁGICAS, VARINHAS MÁGICAS

RELOPA - Sociedade Metalúrgica Instaladora, S.A.R.L.

Rua Eng.º Ferreira Dias, 439-B
Telefone 697588/698188/696138

PORTO



Momento escutista

CÓDIGO D'HONRA

9.º — O Escuta é sóbrio, económico e respeitador do bem alheio

Uma moto é um jogo para os novatos, um divertimento de luxo para os meninos ricos, um objecto de transporte para os Escutas. Tratam dela como de todo o seu material. A desordem é o primeiro sintoma de desagregação dum acampamento. O comodista que leva as pessoas a guardar o que têm emprestado, a apropriar-se do que pertence a todos, conduz inevitavelmente à discórdia e ao ódio.

Não se trata as árvores com a única vantagem da reputação escutista. Economizam-se para fazer retroceder os grosseiros e para preservar a beleza.

Há tanta gente hoje que sofre do egoísmo de uns, da desorganização de outros. Há tanta gente a cair de fome que é um crime

esbanjar o dinheiro. Cada vez que tu lances pela janela, pensa no operário mal pago que olha para ti.

10.º — O escuta é puro nos pensamentos, nas palavras e na acção

Não penses que a FORÇA, a RECTIDÃO, a SERENIDADE, ensinadas pela Lei Escuta, se possam cultivar numa alma que não é clara, transparente, pura. Não penses nunca que o estado de Graça está em perigo apenas pela impureza. EVITA O DESEQUILÍBRIO QUE CRIA OS VÍCIOS INDIVIDUAIS. Leva a Deus uma alma limpa.

Esta libertação é para ti uma batalha por vezes longa; considera-a como essencial e coloca ao teu lado tudo o que possa ajudar-te a ganhá-la: ORAÇÃO, DESPORTO, VIDA RUDE.

(Extraído do livro RAIDERS SCOUTS de Michel Menu)

Retiro para Adolescentes

Nos próximos dias 24, 25 e 26 do mês de Agosto, teremos na nossa terra, um retiro-convívio para Adolescentes, cujas idades compreenderão entre os 14 e os 16 anos.

Será misto como o dos jovens do Verão de 1978. Este estará a cargo do Senhor Padre Magalhães, Superior do Seminário de Fraião-Braga, que há vários anos trabalha com jovens.

Aos pais da nossa paróquia queremos lembrar esta fase importante da vida de seus filhos, ou seja a adolescência. Devemos lembrar-nos que um filho não é só corpo e inteligência, mas sim, e em pri-

meiro lugar, uma alma com missão sobrenatural a cumprir.

Deus concedeu aos pais a honrosa missão de colaborarem com ele na obra da criação.

Os pais têm por dever e obrigação ajudar os filhos a serem cristãos de vida de fé, e procurar ajudá-los a que Cristo cresça e se desenvolva neles.

A formação moral que lhe dermos na adolescência permanecerá na sua vida de jovens e de adultos.

Através dela saberão seguir e manter firme a vocação a que Deus os destinou.

MARIA

Manuel Joaquim de Castro Ribeiro

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telefone, 93273

GERAZ DO LIMA

4900 VIANA DO CASTELO

Memórias da nossa terra

(Continuação da 1.ª pág.)

ciais da mesma Igreja pagarão na futura visita, de suas casas» (Relato do visitador P. Bento José Rebelo Pereira).

A 6 de Julho de 1777, o único reparo que o visitador Manuel Bernardo de Sousa faz à capela da Senhora da Agra refere-se ao retábulo, que, ao que parece, teria sido aldrabado pelo carpinteiro que o fez: «Os oficiais da freguesia obrigarão o carpinteiro que fez o retábulo da Senhora da Agra, digo da capela da Senhora da Agra, para que faça outro novo conforme as condições do ajuste como o aprestou, no termo de quatro meses».

No ano seguinte, um tal D. Angelo, deixava um legado para estas obras, mas dois anos depois da sua morte, ainda estas obras não tinham começado, o que mostra realmente que o interesse por elas não era muito. «O Rev. Pároco fará com a brevidade possível executar o legado deixado no testamento de D. Angelo para concertos e edificações da capela de Nossa Senhora da Agra, porquanto se queixam os fregueses se não tem nada executado a este respeito, sendo já dois anos que em sua mão...» (Visita de 29 de Novembro de 1790).

Cinco anos depois, o declínio da capela não fazia senão agravar-se a ponto de já nem caminho haver para nela se entrar. «Visitando a Capela de Nossa Senhora da Purificação — escreve o P. Manuel Gomes Rodrigues a 23 de Junho de 1795 — a achei inclusa num campo semeado de milho já crescido, sem vestígios de caminho para ela e sem entrada pública, que os lavradores lhe confundiram e taparam seguindo os ímpetos da ambição e esquecendo-se da veneração e respeito à casa do Senhor, pelo que o Rev. Pároco e juiz e eleitos com a freguesia, farão patentear o caminho e entrada para a dita capela no termo de um mês e caso haja nisto repugnância, dará o Rev. Pároco logo conta a S. Excelência. E o juiz da Igreja mandará à custa da freguesia armar a dita capela de todo o necessário para nela se poder celebrar o sacrifício da Missa, que se acha sem coisa alguma, sendo capela pública da freguesia e necessária algumas vezes para nela se administrarem os sacramentos».

Mau grado todas estas admoestações e cuidados dos «visitadores», o povo parece que se tinha deveras desinteressado da capela e a sua decadência continuaria, a ponto de 30 anos depois, um despacho do Arcebispo de Braga determinar que se ven-

dessem os materiais da capela, o respectivo terreno e o seu adro, devendo reverter o produto em benefício das obras da Igreja paroquial. «Por um despacho e portaria de S. Exa. Revma. — escreve P. António Manuel Gomes Teixeira a 27 de Maio de 1825 — que me foi presente, vejo que o mesmo ex.mo prelado determinou que os materiais da antiga capela de Nossa Senhora da Purificação se vendessem e aplicassem para os reparos e reedificação da Igreja desta freguesia, assim como o produto do terreno que ocupa a dita capela e as suas servidões e adro».

Não seria sem problemas esta operação, pois que, entretanto, os proprietários dos campos vizinhos se diziam com direitos sobre a propriedade de capela. «Constando-me, porém, que um ... (nome) e seu genro ... (nome) desta freguesia impedem o destino que S. Ex.ª Revma manda dar aos materiais e terrenos da sobredita capela; querendo atrevidamente chamar sua uma capela que sempre foi da freguesia, como é notório desde tempo imemorial, somente porque as terras em circuito actualmente estavam sendo suas, no que mostra a sem razão e injustiça da sua intentada usurpação que o torna réu de censuras que os sagrados cânones fulminam contra os usurpadores dos bens e direitos da Igreja; mando que o Rev. Pároco com a publicação deste capítulo admoeste os sobreditos, mais se não intrometam sem título de compra nem justa apropriação da dita capela e seus logradouros; e passados seis dias que lhe assinou pelas 3 canónicas admoestações o evite da Igreja e ofícios divinos e proceda até dar participação; e com a cópia desta mesma capitulação e certidão dos determinados procedimentos dê conta para a Casa do Despacho da Cidade Metropolitana de Braga para se proceder contra os sobreditos na forma do Direito e se lhe cobrar a pena de seis mil reis em que o multo para a Sé e Meirinho» (Fl. 71).

Depois da Senhora da Purificação, a capela que parece ter sido mais mortificada no espaço de tempo que nos ocupa, foi a capela de S. Cristóvão.

De facto, a primeira alusão que se lhe refere (1773) fala já da sua precária situação, a pedir uma vistoria geral, a começar pelos allcerces. «Visitando a capela de S. Cristóvão, achei-a em miserável estado

e ameaçando ruína as paredes dela pelo que mando que o administrador dela a reforme «a fundamentis» e depois lhe mandará fazer um retábulo e frontal e pôr uma imagem...» (Visita de 2 de Julho de 1773). O documento continua insistindo na necessidade de cobrir a capela a cal por dentro e por fora.

Vinte e dois anos mais tarde, as notícias que temos da capela já não são tão preocupantes: a capela não precisava de uma mão de tinta e de ser provida do material necessário para nela se poder celebrar a Santa Missa: «O Administrador da capela de S. Cristóvão mandará pintar o oratório do mesmo santo e retábulo e ornar a mesma capela de todo o necessário de que necessita para o Sacrifício, de que está totalmente destituída; isto no termo de três meses debaixo da pena de seis mil reis e de sequestro, para o que o Rev. Pároco logo dará conta à Casa do Despacho». (Visita de 23 de Junho de 1795).

A capela de Santa Tecla é indiscutivelmente uma das mais antigas, se não a mais antiga, da freguesia. As Inquirições de D. Afonso III de 1258 falam já dela como foreira do Rei. «A meyedad da ecclesia de Sancta Tecla est reguenga del Rey».

Deixemo-la por agora dormir esses longos séculos e falemos com ela tal como a encontrou o P. Sebastião Vielra Leite a 22 de Outubro de 1767, a necessitar ao que parece, de uma vigilância mais apurada por parte do pároco. «O Rev. Pároco sob pena de suspensão tome logo conta para a sua mão da chave da capela de Santa Tecla... (palavra iligível) por me constar se utilizam dela para recolhimento fazendo dela casa de campo e mandará pôr na mão de um morador do lugar de Guilheta e constando-lhe que este a dá sem ser a clérigo, para dizer missa e depois a feche; o condenará de 500 até 2 000 que pagará na futura visita constando que fiou a chave sobredita para outro ministério».

Em 1773, a capela não precisava senão de pequenos ajustamentos: «Os oficiais de Santa Tecla mandarão pôr por conta dos rendimentos e esmolas da mesma santa, uma pedra d'ara das da fábrica da Santa Sé Primaz no altar da mesma Santa e pintar o frontal concertar a casula e pôr uma cruz com imagem decente no mesmo altar, no termo de seis meses, pena de mil reis» (Visita de 2 de Julho de 1773).

Um pouco mais críticos terão sido os anos seguintes. Em 1795 foi preciso lembrar aos responsáveis que era tempo de retelhar a capela e de lhe dar uma mão de cal. «O tesoureiro da capela de Santa Tecla mandará retelhar de cal e areia a dita capela e fazer uma pala e mela dúzia de sanguinhos, uns corporais... (visita de 23 de Junho de 1795). E em 1780, a festa da Santa tinha deixado de se fazer, o que de certo não abonava a favor da devoção do povo pela Santa. «A gloriosa Santa Tecla há anos que seus oficiais têm perdido o zelo de lhe fazerem a sua festa anual na forma que seus antepassados lhe costumavam fazer, nem menos têm dado contas do seu nicho e despeza aos Rev. Visitadores, como são obrigados desde o ano de 1775 exclusive, até ao presente, por cuja razão mando façam a sua festa no 1 Domingo de Agosto, como era costume e pelas contas darel providência no livro delas.

«Também fui informado que a mesma Santa tem um guião de damasco verde, de que há anos se não usa nas festividades e por isso mando que dele se faça entrega de um tesouro a outro e tenha o seu devido uso nas funções» (Visita do P. Domingos José de Barros a 28 de Junho de 1780).

Da Capela da Senhora dos Remédios, os visitantes não falam muito. Havia sempre uns pequenos reparos a fazer, mas o caso nunca assume proporções de cuidado. Ele era o pé do cálice que precisava de ser limpo, um cordão e duas palas de linho que era preciso comprar (visita de 22 de Outubro de 1767), um missal que era preciso encadernar, a renda das alvas que necessitava de ser reformada ou um frontal e dois sanguinhos que estavam a fazer falta (visita de 3 de Julho de 1773, umas toalhas, um crucifixo, um paramento de damasco (visita de 23 de Junho de 1795) ou duas toalhas de linho fino... (visita de 27 de Maio de 1823)... e é tudo.

Mais modestas são ainda as referências à Capela da Senhora do Rosário. Apenas uma admoestação tardia, de 1816, dizendo que «deve ser retelhada e concertada a capela de Nossa Senhora do Rosário, à custa do património que para isso tem, e no caso de omissão, o Rev. Pároco dará conta ao Superintendente da Casa do Despacho, para proceder como fôr justo» (relação da visita de 12 de Setembro de 1816).

P. Adélio

TRIBUNA DO AUSENTE

A Escolarização dos Jovens Imigrados

(Continuação do n.º 30)

III — Caso do Colégio Joliot-Curie

O colégio de ensino secundário Joliot-Curie, é uma dessas pequenas torres de Babel escolar, como muitos outros que existem na região do Loiret. Este estabelecimento de ensino com 522 alunos, conta 90 que são imigrados.

Esta taxa de 17% incitou o director Principal a pedir um suplemento de duas horas por semana para um ensino de aprofundamento em francês. Dezassete alunos que têm algumas dificuldades linguísticas, quer dizer uma minoria, seguem este tipo de curso. Em contra-partida nenhum dos cinquenta portugueses que frequentam este colégio exprimiu o desejo de beneficiar de ensino de língua nacional, com medo de acentuar assim o seu carácter de imigrado. Esta vontade de disfarçar as origens e as diferenças é de facto uma reacção comum em muitos jovens estrangeiros.

Portanto não será no seio da família que eles poderão aperfeiçoar o conhecimento da sua língua materna, pois muitas vezes os pais são analfabetos. São então os filhos que preenchem os papéis dos perdidos para lhe ser ensinada a sua língua, executam as demarchas em lugar do pai, ficando este convencido que tudo corre pelo melhor, quando por vezes o seu filho fez o pedido muito a seu bel-prazer.

Apesar de um meio social pouco propício aos estudos, os casos de conquista existem, mesmo se um pouco raros. Há neste colégio o caso de uma aluna portuguesa particularmente dotada que conseguiu em um ano e um trimestre fazer o 5.º e o 6.º ano. Em contra-partida outras crianças chegam a França sem conhecerem uma só palavra em francês. É o caso do jovem Selami, um Turco de 14 anos que chegou a Orleans no princípio do ano escolar, para se juntar ao seu irmão, empregado numa grande empresa desta cidade. Durante as primeiras semanas ele não saía de casa sem levar no bolso o seu pequeno dicionário francês-turco. Assim conseguia fazer-se compreender mostrando com o seu dedo a palavra correspondente.

Este imigrante como muitos outros foi integrado em classe pré-profissional de nível (CPPN). Esta fileira à vocação manual, mistura o ensino prático e teórico aos estágios nas empresas. Ao fim de um ano, se o aluno encontrou a sua vida profissional entra em classe preparatória à aprendizagem

podendo assim passar um contrato com um patrão.

A proporção dos estrangeiros é particularmente forte nesta via que conduz directamente ao mundo do trabalho.

Mas com tudo isto o pequeno Turco encontrará ele um emprego? Ou ao contrário virá ele engrossar o número já alarmante dos desempregados? Em matéria de emprego os portugueses são mais bem aceites que os Norte Africanos.

Sendo todos bons trabalhadores um patrão tem sempre preferência por um português. Talvez por causa do seu carácter tranquilo e reservado.

A xenofobia sempre latente e difusa, manifesta-se por vezes ao grande dia. O director do colégio recebe de tempos a tempos queixas de certos alunos imigrantes a quem chamaram (portos, ralões, etc.). No entanto é preciso ver que nem só os franceses são os causadores destas arrelias. Casos idênticos produzem-se também entre os próprios imigrados quer sejam portugueses, árabes, argelinos ou marroquinos. Estes choques ficam no entanto pontuais e não degeneram nunca em formação de classe. No recreio os Espanhóis ou os Italianos não se juntam entre eles mas com os seus camaradas de classe.

No entanto problemas existem, depois que um professor tomou a iniciativa de apresentar uma exposição sobre racismo que foi constituída pelos alunos. Mesmo sem esperar «Holocauste» (filme difundido ultimamente e que tanto tem dado que falar).

Uma população flutuante

As dificuldades de cohabitação gerem sobretudo entre a população adolescente que é a dos colégios. Com os pequenos nas classes elementares tudo se passa bem. Por vezes alguns embaraços entre Portugueses e Espanhóis mas nada mais. E portanto num colégio como o de Joliot-Curie os estrangeiros são uma maioria de 65%.

Como o CES, Joliot-Curie este estabelecimento primário tem a particularidade de recrutar num bairro bastante modesto. O rolamento incessante de chegadas e partidas dos imigrantes faz-lhe conhecer os efectivos flutuantes ao longo de todo o ano. Assim bem depois da data do novo ano lectivo 10 crianças imigradas foram acolhidas e instaladas na sua classe, entre os alunos franceses.

«A heterogenea é uma boa coisa para os imigrantes ao menos, porque ela permite-

lte, em princípio sob o caril que os fazem deixar a escola a partir dos 16 anos» afirma M. Gamboa, inspector pedagógico regional de português. Os pais franceses muitas vezes são hostis à heterogenea. Eles pensam que a presença dos estrangeiros vai fazer baixar o nível da classe e afrouxar os progressos dos seus filhos. É o argumento eternamente invocado, e sem dúvida com razão. Temos de reconhecer.

Dois terços dos 88 Portugueses seguem cursos integrados de língua nacional. Nas sextas-feiras de tarde eles saem das suas classes e juntam-se a uma instrutora portuguesa numa sala onde foram colados alguns quadros turísticos lembrando as belezas da mãe-pátria.

Bom dia Lina

O ensino do francês é assegurado por um instrutor suplementar. É um professor sem classe realmente constituída, mas não sem alunos. Ele seguiu um estágio organizado pelo centro de formação e informação para a escolarização das crianças imigrantes. Estes estágios de formação especializada têm lugar regularmente nas diversas academias. Prova que o governo vai tomando consciência dos problemas que traz a escolarização dos estrangeiros.

Os alunos são agrupados segundo o seu nível. Com os «primeiros chegados», aqueles que não falam absolutamente nada o francês, é preciso evidentemente armar-se de paciência. A pedagogia utilizada é um método audio-visual intitulado «Bom dia Lina». Estes cursos concebidos pelo centro de investigação e de estudo para a difusão do francês, são destinados a ensinar o francês como língua estrangeira.

As lições fazem apelo à linguagem oral. O Instrutor mostra as imagens, formula as perguntas e as respostas e faz repetir as frases aos alunos. Muitos são bloqueados: de facto a escola não é um lugar onde se fala sem cessar. Em média é preciso um mês para desbloquear o aluno e só ao fim de dois anos ele poderá seguir normalmente os cursos.

«Bom dia Lina» é no entanto um método bastante mal adaptado e pouco flexível. Mas à falta de melhor... As lições são dadas aos poucos em pequenos grupos e sob os bancos lado a lado encontramos crianças de todos os países de imigração. Todos se encontram numa classe inferior de um ano à sua classe de idade, o que lhe permite de não «trazerem nas outras matérias. Para os menos dotados os cursos duram o dia inteiro. É muito mas não se pode fazer melhor. As dificuldades são unicamente de ordem pedagógica.

Deveres recíprocos

A escolarização das crianças imigradas traz um problema mais vasto do que a da imigração em geral. Quatro milhões de estrangeiros vivem actualmente no território francês: um facto diversamente apreciado.

Os xenofobas querem pôr os árabes fora do país enquanto que os outros falam no abstracto «homens como os outros». Franceses e imigrados deveriam aprender que a cohabitação acarreta antes de tudo deveres recíprocos.

RAOUL EBER

Da imprensa regional d'Orleans

O Ano Internacional da Criança em S. Paio de Antas

Dia 3 de Junho de 1979... É deveras formidável e ao mesmo tempo comovedor saber o que se fez pela criança nesta terra... É formidável por quem passa junto ao Salão Paroquial, depara com um atraente e acolhedor Parque Infantil, onde existem os mais variados divertimentos próprios para a pequenada; ao mesmo tempo é comovedor por sabermos que em S. Paio de Antas se fez algo de concreto e significativo para a

idade mais linda da meninice, depois de sabermos que o título de Ano Internacional da Criança para muitos é só fachada, aproveitando-se para fazerem grandes campanhas a favor da Criança, mas, que não passa só de palavras. Com esta iniciativa, os habitantes da Freguesia de Antas estão de parabéns, não só pelo valor material da obra mas também pelo apoio e carinho que dão às crianças... Nesta freguesia, todas as crianças se devem sentir felizes porque vêem que realmente o Ano Internacional da Criança; não foi nem é e, nem será só o título; só palavras mas, alguma coisa que se pode ver, que se pode apalpar, alguma coisa que se sente... Para a frente Povo de S. Paio de Antas... Do muito que já se tem feito e continua a fazer-se, é forçoso que não se pare... Pelo que se me tem dado observar, S. Paio de Antas deve ser a Freguesia que tem orgulho em manter as tradições dos antepassados...

Um admirador desta Terra

Vende-se

Uma casa térrea, no lugar de Guilheta, junto à Avenida de Santa Tecla, pertencente à família de Deolinda Marques de Sousa, falecida no Brasil. Se alguém estiver interessado, pode falar com Manuel Alves Cazeiro, (filho), residente em Lisboa, Telefone 756525 — Lisboa.

Ou Manuel Alves Cazeiro, residente no lugar de Guilheta.

(«A DEFESA»)

Os Holocaustos, totalitários

A RTP transmitiu pela segunda vez e no I Programa, a impressionante série norte-americana «Holocausto», em que através da odisséia da família do médico judeu dr. Joseph Weiss, quase toda exterminada nas câmaras de gás ou no fuzilamento, se entrevê toda a tragédia do extermínio de milhões de judeus pelo nazismo alemão antes, durante a II. Guerra Mundial.

Ao mesmo tempo, perpassa paralelamente a história do ambicioso e clínico Erik Dorf, instrumento dócil nas mãos de Heydrich, como major das SS, para o tenebroso plano urdido contra os judeus.

Esta série, que levantou protestos anti-semitas nalguns países europeus e foi proibida em Espanha, é um libelo terrível contra os totalitarismos, que no seu carro triunfal esmagam os direitos humanos e que, afinal, acabam também eles por ser vencidos e desaparecerem na voragem política.

Vem a ponto perguntar, quando será possível fazer um filme sobre os 48.973.000 russos, que segundo as investigações da Cruz Vermelha Internacional; nos primeiros 50 anos de comunismo, foram vítimas do regime soviético; de 1921 a 1947?

Não contando os que morreram nas guerras com outros países, estes números de mortos são impressionantes:

na guerra civil na União Soviética, 4.500.000;

crise económica e terror vermelho (1921/23), 6.000.000;

académicos, professores, especialistas, escritores, estudantes, actores e outros intelectuais, 160.000;

funcionários públicos, burgueses e oficiais de carreira, 740.000;

membros da Polícia, 50.000;

sacerdotes, 40.000;

trabalhadores e empregados, 1.300.000;

liquidados pela TSCHEKA (1923-1930), 2.050.000;

mortos de fome em 1930/33, 7.000.000;

fuzilados por se oporem à Reforma Agrária, 750.000;

liquidados pela GRU (1937/38), 1.600.000;

vítimas do terror (1937/38): trabalhadores,

empregados e intelectuais, 635.000;

membros do Partido comunista, 340.000;

quadros políticos e militares, 30.000;

fuzilados pela NKWD (1938/47): de diversas esferas, 2.750.000;

sacerdotes, 5.000;

do exército vermelho, 23.000;

em campos de concentrações e deportações entre (1917/47), 21.000.000..

Total de vítimas, 48.973.000.

E daí para cá, o que se passa nos 200

campos de concentração ou Gulags e nos

hospitais psiquiátricos da Rússia? ...

SOUBEMOS E REGISTAMOS

Dizem-nos que várias famílias de Vilar de Andorinho se alimentam com o que conseguem apanhar numa lixeira de Vila Nova de Gaia.

Como deve ser duro suportar uma tal situação!

Criticava-se o antigo regime porque escondia estas cenas dramáticas..., mas actualmente a Televisão prefere mostrar-nos trabalhadores rurais ou fabris de unhas pintadas atacados de revolucionarite aguda a protestar contra tudo e contra todos, excepto contra os patrões moscovitas!... Os esfomeados, os desempregados, os desesperados, os que vivem em bairros da lata continuam a não ter acesso à Televisão! As classes mais desprotegidas continuam a ser os trabalhadores privilegiados das cinturas industriais. É caso para lembrar:

*«Quem trabalha mata a fome
Não precisa de ninguém.
Quem não ganha o pão que come
Rouba sempre o pão de alguém.»*

Há porém quem não ganhe o pão que come, porque está desempregado ou foi saneado... por culpa, por maldade ou por ódio político!

«O saldo dos cinco anos vividos depois de 25 de Abril é francamente positivo, apesar dos erros cometidos e das perturbações que atravessamos», afirmou o Senhor Presidente da República no dia 10 de Junho p. p.

Salvo o devido respeito, temos muitas dúvidas de que o povo pense da mesma maneira.

Transcrevemos: «Nos meios políticos internacionais mais autorizados, pensa-se que na esquerda estão os responsáveis maiores do fracasso da democracia em Portugal. Deve-se à falta de competência ou capacidade — para não dizer outra coisa — dos políticos da esquerda que, desde Abril de 1974, assumiram a responsabilidade do Poder, tanto no Executivo como na Assembleia da República e não só». E a pergunta dos observadores é esta: «Estará Portugal condenado a viver eternamente num regime totalitário?»

E têm infelizmente razões de sobra para formularem uma tal pergunta. Por culpa da maioria esmagadora dos homens políticos do nosso país.

O coronel Casanova Ferreira escreveu uma carta sensacional aos seus colegas das Forças Armadas. Entre outras coisas afirmou: «Não temos tempo a perder ou perderemos Portugal». Não nos parece que ao insurgir-se contra os «conselheiros que já destroçaram uma enorme nação» quisesse apenas dar nas vistas!... Em nossa opinião tentou apenas exprimir o pensar e sentir das Forças Armadas e do Povo Português!

Qual irá ser o preço da sua coragem? (Soubemos, já depois de redigidas estas notas, que isso lhe valeu 7 dias de prisão!)

A UGT propôs à INTER que os trabalhadores fossem convidados a pronunciar-se por voto secreto e directo a qual das duas centrais sindicais desejavam pertencer...

A INTER recusou. Pudera! Já sabia o fracasso que a esperava!

É como os que se pronunciam contra o referendo. Criticavam Salazar por o não admitir. Hoje fazem exactamente como ele. E são democratas!

Os Socialistas estão em pânico e de cabeça perdida. Tudo fizeram para evitar

as eleições. Lamentam os seus elevados custos!

Mas já não se preocupam com os elevados custos, desde que se trate de salvaguardar todos os direitos, imunidades e regalias dos deputados mesmo depois de dissolvida a Assembleia da República!... Que comovedor espírito de sacrifício!...

A Festa de S. João voltou a inspirar bastante trovadores desencantados. Vejamos.

*«Com arquinhos e balões
O povo canta a seu gosto,
Que a alegria e as ilusões
'Inda não pagam imposto!...»*

*«Balão na tua subida,
Vais encontrar, quero crer,
O nosso custo de vida.
— Por favor, manda-o descer!»*

*«Se o mundo vestisse à moda
Só conforme o que produz,
Muitos dançavam na roda
Como a mãe os deu à luz!»*

*«Não é louco, S. João,
Quem passa a vida a cantar!
— Loucura é ter-se razão
De só viver a chorar!»*

*«Anda o povo a ver a festa
Que há cinco anos já dura,
E a fazer cruces na testa
Por estar na dependura.»*

*«Gente de cravo na mão,
Parada sem dar dois passos...
— Nenhuma terra dá pão
Quando se cruzam os braços.»*

É caso para se perguntar a sério se haverá razão para se cantar, rir ou chorar... Talvez haja tempo para tudo!

Os socialistas pronunciam-se contra um referendo, mas pela boca de Manuel Alegre fazem a ameaça de «poder vir a recorrer à mobilização popular».

Será isto democracia ou demagogia?!

Transcrevemos:

*«Bastante desconsolado,
Vimos em Vila Real
Aquilo que foi chamado
O Dia de Portugal.»*

*«Mas depois do grande abalo
Que extinguiu as liberdades
Decidiram alcinhá-lo
Dia das Comunidades.»*

*«O que provocou querela,
Porque logo salta à vista
Ser semelhante balela
De inspiração comunista.»*

Bom seria que Portugal continuasse fiel aos ideais que dele fizeram o País que todos admiraram no passado!

Dizem-nos que Mário Soares afirmou na Televisão que ganhava entre 23 e 24 contos por mês como deputado. Evidentemente é pouco. Mas com outro tanto ganho pela esposa e mais uns lucros do Colégio de que são proprietários... vai-se vivendo!

Só é pena que todas as famílias portuguesas não possam ganhar ao menos um quarto do que ganha a família Soares!!!

Esta justiça socialista tem muito que se lhe diga!

Relacionado ainda com o dia de Portugal vimos escrito:

*«Raciocinando a capricho,
Manifesto este desejo:
Limpar Portugal do lixo
Seria um belo festejo.»*

A produção de lixo porém, continua a aumentar!

O cansaço de palavreado também se vai manifestando de múltiplas maneiras. Vejamos:

*«Com tamanha carestia,
Tanta falta de recursos,
A «jovem democracia»
Já lá não vai com discursos.»*

De facto entre nós têm abundado os discursos e têm faltado acções concretas que resolvam os problemas de Portugal.

Também o problema dos emigrantes foi «cavalo de batalha» noutros tempos... Hoje dizem-nos:

*«E vemo-nos transformados,
Ao invés do que era dantes,
Num país de retornados,
Numa nação de emigrantes.»*

E são os emigrantes que vão resolvendo grande parte dos problemas económicos do país.

Mário Soares, cuja habilidade política muitos realçam e admiram, mais uma vez se insurgiu contra todos os meios de comunicação social... Razão? Só encontramos uma: não estarem por inteiro ao serviço do Partido Socialista!

Francamente, que democracia é essa em que só é válida e lícita a opinião de Mário Soares e socialistas?!

Alvaro Cunhal, que na Televisão nos quis convencer que ganhava menos de 7 contos mensais, tem razão de sobra para se insurgir contra Mário Soares!

Que moralidade é esta? A da aldrabice?!

Dizem-nos as agências noticiosas que Kurt Waldheim, Secretário Geral da ONU, foi a Luanda falar com Agostinho Neto sobre a necessidade de eleições livres na Namíbia.

Mais lógico seria que falasse sobre a necessidade de eleições livres em Angola. Para isso porém, era necessário que não houvesse antagonismo entre lógica e política... E isso é difícil nos tempos que correm e de acordo com «os ventos da História»!

Marcelo Caetano voltou a falar. E disse muito em poucas palavras: «Não há nenhum impedimento legal ao meu regresso e lá, os mais humildes, o povo, fala bem de mim. Mas eu é que não quero voltar». E acrescentou: «Portugal foi rico, foi próspero e agora depende do Mundo inteiro».

De facto sustentando uma guerra em três frentes, não precisava de emprés-

timos!... E agora não consegue viver sem eles!

Em Portugal sucedem-se os governos. (Até talvez pudéssemos exportar!) Os mais eficientes têm sido os que foram impedidos de governar. Relativamente ao Governo Mota Pinto vimos escrito:

*«Por mais que fosse avisado,
Ninguém esperava por esta:
O governo exonerado
Governa que é uma festa!»*

*«Apesar de muita gente
Lançar boatos sinistros,
Reine tranquilamente
O Conselho de Ministros.»*

*«Enquanto o povo se lixa
Com a miséria que tem,
Os partidos fazem bicha
No Palácio de Belém.»*

Quando este jornal sair já devemos ter outro governo. Para bem do povo? Oxalá!

Transcrevemos:

*«Situação que nos deprime:
Ao que por aí se vê,
Temos agora um regime
Semi-não-se-sabe-o-quê.»*

Bom seria que se soubesse. Pois já estamos cansados de demagogia e meias verdades!

Os políticos porém, parece que continuam desorientados e a desorientar-nos. Daí:

*«Contencioso gorado,
De problemas insandáveis:
Neste país adiado,
Todos são inadíveis.»*

É que parece todos estarem mais interessados em defender «tachos» e posições do que em defender Portugal. E é pena.

De vez em quando a Televisão mostra-nos horrores... em Timor. O que lamentamos sinceramente. Até talvez nem fosse necessário ir filmar horrores a Timor. No Vale do Jamor parece que há muitos timorenses a sofrer!

E porque será que não nos mostra alguns dos horrores... em Angola e... em Moçambique?! Será que Moscovo não deixa?

Continua a afirmar-se que as eleições custam muito ao País. Se assim é, porque será que em vez de eleições intercalares, não se fazem eleições legislativas por 4 anos? Por serem inconstitucionais? E porque é que a Constituição faz uma tal exigência? Por antecipadamente se saber que o povo se cansaria e se pronunciará contra? E porque é que um referendo é considerado inconstitucional se a própria Constituição não foi referendada? Que democracia é esta, em que está vedado ao povo o direito de se pronunciar e de mudar o que está errado?

Porque é que o Partido Socialista modificou a Lei da Reforma Agrária que tinha aprovado, mas que nunca fez cumprir? Só para fazer a vontade ao Partido Comunista? Porque é que o Partido Socialista se sente no direito de mudar de opinião e nega esse mesmo direito ao nosso povo?!

REPORTER BANAL

Frente solidária para a "Voz de Antas,"

MAIO DE 1979

Domingos Ferreira da Silva, Gaia	150\$00	Maria Angelina de Azevedo Neiva, Porto	200\$00	Alexandrino Pires Laranjeira, Estrada	200\$00
Manuel Afonso Pereira, França	200\$00	P. Ernesto de Azevedo Neiva, Régua	200\$00	Mário Quezado Sinaré, França	500\$00
Manuel Gonçalves Cardante, Belinho	150\$00	Martinho Faria da Silva, Forjães	150\$00	Maria Etelvina Viana da Cruz, França	400\$00
Manuel Ledo Cardante, Braga	150\$00	Maria Alves Torres Lima, Azevedo	250\$00	Adélio Viana da Cruz, França	200\$00
Manuel Alves Rolo, Igreja	150\$00	Maria da Conceição Moreira de Faria, Igreja	150\$00	Rosalina Meira do Vale, Freixo	150\$00
Maria Júlia Ferreira Rodrigues, Igreja	150\$00	Torcato Dias Ferreira, Belinho	500\$00	Anónimo, Guilheta	100\$00
Hortelinda Cândida dos Santos, Monte	200\$00	José Gonçalves Merrelho, Porto	250\$00	Manuel Augusto Neves Ferreira, Palmeira	1 000\$00
Maria Lourenço de Faria, Azevedo	500\$00	Maria de Lurdes Lima Viana, França	250\$00	Manuel J. Carvalho Costa, Sintra	1 000\$00
David Ferreira da Silva, Belinho	200\$00	Cândido Cunha e Ricardina, França	555\$00	Família de Manuel Moreira Marques, Bélgica	500\$00
Domingos Azevedo, França	300\$00	Manuel Laranjeira da Cruz, França	150\$00	Vitória e Rogério Fagundes, Azevedo	1 000\$00
Dr. Queirós, Farmácia Santa Marinha, Forjães	500\$00	Manuel Fernandes de Sá, Azevedo	250\$00	Fernando Gabriel Silva, Prado-Braga	200\$00
Américo Gonçalves Pereira, Belinho	100\$00	Arlindo de Almeida Torres Neiva, Monte	150\$00	Alberto da Cruz Laranjeira, Argentina	1 000\$00
Maria Moreira de Faria, S. Paio de Cima	200\$00	Maria Umbulina da C. Torres Neiva, Fão	150\$00	Anselmo da Cruz Saleiro, Argentina	1 000\$00
Domingos Azevedo Neiva, Castelo de Neiva	500\$00	Maria Manuela da C. Torres Neiva, Viana	150\$00	Isabel de Jesus Torres, Argentina	1 000\$00
José Faria da Cruz, França	200\$00	do Castelo	150\$00	Joaquim Alves de Azevedo, Argentina	769\$00
Armando Faria da Cruz, França	200\$00	Maria Rodrigues Meira Laranjeira, Azevedo	150\$00	Amândio Meira, Trofa	200\$00
Isaura da Silva e Irmã, Belinho	200\$00	Maria Viana Alves Machado, Porto	300\$00	Cândido Fernandes Pentiado, Porto	200\$00
Palmira Alves de Azevedo, Azevedo	150\$00	Daniel Pereira da Silva, Forjães	300\$00	José António Neves Ferreira, Porto	200\$00
Maria Cândida de Azevedo Neiva, Porto	200\$00	Umbulina Gonçalves Pereira Viana, Azevedo	200\$00	António de Jesus Vilarinho, França	350\$00
		Umbulina Lourenço de Faria, Azevedo	500\$00	José Alves Rolo Afonso, Azevedo	100\$00
		José Augusto da Costa Barros, Estrada	300\$00		

A Administração agradece



MANUEL MOREIRA MARQUES

Manuel Moreira Marques, ficando órfão de pai e mãe, foi criado desde pequeno com sua tia Adelaide Gonçalves Moreira.

Nascido a 4 de Julho de 1933, era filho de José Gonçalves Marques e Rosa Gonçalves Moreira. Sempre trabalhando servilmente desde menino, casa aos 23 anos com Amélia da Cruz Sá, que com ela forma



O «Carrspato»

um lar feliz, educando segundo rectos e sãos princípios seus filhos.

Depois de um ano de casado, emigra para Lourenço Marques (hoje, Maputo), deixando uma filha com 8 meses e um bebé para nascer.

Após 8 anos de ausência regressa, para pouco demorar junto da família, partindo de seguida para França onde esteve 2 anos. Depois de visitar sua família e sua terra, parte para a Bélgica. Aí viveu 10 anos e onde a morte o surpreendeu, falecendo a 28 de Junho deste ano, debaixo dos maiores sofrimentos, no entanto sempre conformado e consolado com os últimos sacramentos. Pai de 4 filhos, Maria Manuela, Irene, Amé-

rico Manuel e Alice, deixou-nos envolvidos na mais profunda dor e saudade.

GERMANA ALVES MOREIRA

Um tanto inesperadamente, Deus chamou a si, na manhã de 21 de Junho, a tia Germana. Germana Alves Moreira, nasceu a 28 de Julho de 1896, viúva de José Alves Rolo, falecido a 10 de Março de 1960.

Dela muito havia a contar, mas fiquemos com alguns extractos da sua vida. Nascida no campo e para o campo, muito económica, casa sem nada, e fizeram casa. Procurando uma situação melhor, o casal emigrou para França, onde permaneceu 8 anos. De regresso, dedicam-se ao amanho da terra.

De pequena estatura, mas com alma grande, todos gostavam de ouvir os seus ditos.

Para além de tudo, o grande amor maternal nela ficou conhecido pelo tratamento amoroso e paciente que sempre dispensou a sua filha Gizela, doente mental.

Que Deus a tenha junto de si e lhe dê o descanso eterno.

MARIA ALVES DA CRUZ

No mês de Maio, faleceu no lugar do Monte, Maria Alves da Cruz, mais conhecida por Maria do Mazarefes — nome que lhe adveio pelo facto de seu pai ser natural dessa freguesia. Filha de Joaquim Soares e de Teresa Alves da Cruz. Nasceu na mesma casa onde faleceu. Teve uma infância difícil, como todas as crianças pobres do seu tempo; no entanto seus pais educaram-na no cumprimento do dever e no amor à nossa Santa Religião. Durante toda a sua vida de adulta trabalhou na agricultura como jornaleira, dei-

xando de trabalhar só quando as forças lhe faltaram.

Foi durante vários anos Zeladora da Cruzada Eucarística, cargo que desempenhou como especial apuro e dedicação. Enquanto que a saúde lho permitiu nunca faltou a qualquer cerimónia religiosa na nossa Igreja. Que Deus lhe dê a eterna recompensa.

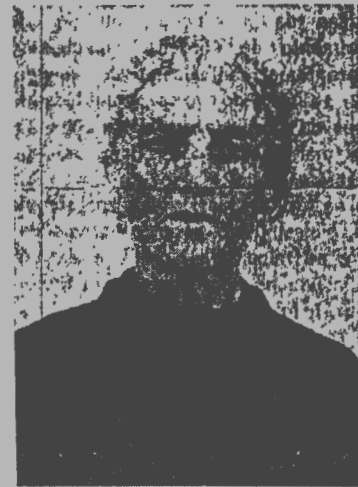
ENGRÁCIA ALVES DA CRUZ VIANA

Faleceu na sua casa no lugar do Monte, Engrácia Alves da Cruz Viana, mais conhecida pela Engrácia do Amaro.

Filha de José Laranjeira Amaro e de Teresa Alves da Cruz Viana, nasceu no lugar de Azevedo.

Casou com Aires Alves da Cruz, de quem se encontrava viúva, já há vários anos. Deste matrimónio houveram dois filhos, José e Maria Edunela, que educaram cristãmente. Empregou toda a sua vida nas lides domésticas e nos trabalhos do campo.

Suportou com resignação cristã os sofrimentos que Deus lhe quiz dar no fim dos seus dias. A seus filhos apresentamos as nossas condolências e rogamos a Deus uma prece pelo eterno descanso da sua alma.



A tia Engrácia

Inauguração do Parque Infantil

Mais um dia glorioso viveu a «Nossa Freguesia» no dia inaugural do «Nosso» querido parque infantil, e digo mais um dia porque já outros se passaram, que jamais a nossa mente esquecerá, enquanto tiver uso da razão.

Dia glorioso vivemos não só porque passamos umas horas de desporto sadio, disputadas por todo o sector de atletismo, bem assim como alguns independentes, que maravilha foi ver os nossos homens e mulheres de amanhã conviverem de mãos dadas um amor cristão.

Dia grande porque apreciamos mais uma obra que nasce para engrandecer o já tão rico património Paroquial. É o colectivismo do «Nosso» povo, é o trabalhar de mãos dadas sem ter receio de que este ou aquele vá gozar daquilo que não fez ou não ajudou a fazer, se não veio foi porque não pôde, virá para a próxima. Amigos conterrâneos, sinto-me grato a Deus por aqui ter

nascido, pois a nossa freguesia cresce a ritmo acelerado.

Era constante ouvir: — ó Manel no meu tempo, não havia nada disto! — Pois não Zé, nem pão havia naquele tempo, agora os nossos filhos...

Amigos, e no fim da festa familiares e amigos juntam-se aos grupos e aí vai disto, fainel em «exposição», umas ancas de coelho, uns chouriços de carne e o «tal» da ordem para refrescar; a «colsa» não esteve mal, convívio com a Natureza, risos francos e sinceros, em suma uma tarde em cheio.

As crianças não resistiam aos diversos jogos que o nosso Parque possui, e mesmo inacabados, pois faltava nivelar e chumbar, as crianças lá iam como eu ouvi muitas vezes, vamos para a rodinha dos pedais, olha agora vamos para os cavalinhos, etc. etc.

Oxalá que de hora avante os dias nos sejam felizes como foi esta tarde solheira do dia 3 de Junho de 1979.

A. V. CARAMALHO

SERRALHARIA FERNANDES

MANUEL MARIA DE CASTRO FERNANDES

ALUMINIOS

Serralharia — Soldaduras

Encarrega-se de todos os trabalhos de serralharia para a construção civil

COVELO — LANHELAS — MINHO ● TELEF. RESID. 92269

• A repressão marxista contra a pessoa humana

O marxismo, com o seu extenso e macabro cortejo de prisões políticas, campos de concentração, centros de «recuperação» ou de «reeducação», hospitais psiquiátricos, cortinas de ferro, muros (chamados da «vergonha») levantados em cimento armado ou arame farpado, câmaras de tortura da mais variada espécie, etc... é acusado de matar a liberdade e de destruir a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com a sua instauração e imposição de «regimes ditatoriais policiais demagogos, hipócritas e monstruosamente cruéis», apoiados em tropas de assalto e climas de burocracia terrorista; com o seu processo de luta pelo poder ilimitado, com a supressão da liberdade intelectual, com a expansão massiva de mitos tacanhos como o do anti-intelectualismo, o da luta de classes e infalibilidade proletária, o do anti-humanismo, o do socialismo agrário, etc... (as citações são de Andrei SAKHAROV, no livro, *Progresso, Coexistência e Liberdade Intelectual*, capítulo *As ditaduras policiais*, que resumimos), mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com a sua ideologia progressista, «científica», «popular», socialista (mas que, paradoxalmente, não abjura de elites altíssimamente privilegiadas), lançando mão da «súbita e traçoira aplicação da máquina tortura, da execução e dos informadores que intimidaram e troçaram (como intimidam e troçam hoje mesmo) de milhões e milhões de indivíduos»; com o fuzilamento de milhares de prisioneiros devido ao «excesso da população», ou no simples cumprimento de «ordens especiais»; com um programa canibalesco de «sendas de morte» (Sibéria do Norte), combóios-prisões, «barcos da morte» com seus porões superlotados (mar de Okhotsk); com seus processos de «restabelecimento do povos inteiros como os tártaros da Criméia, os alemães do Volga, os camulcos e outros povos do Cáucaso e as minas de Norilsk e de Vorkuta, onde indivíduos sem conta «morreram enregelados, à fome ou em consequência de trabalho exaustivo, bem como durante a realização de projectos de construção, de corte de madeiras, de construção de canais», etc... mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com os «morticínios de funcionários de secções militares e de engenharia (leia-se a obra da autoria de Nekritch através das notas do general Grigorenko) como exemplos de combinação do crime, com a sua tacanhez e miopia», mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com seu carácter dogmático e de alienação à vida real, classificado como «política de exploração ilimitada e de depravações entregadas à força, a preços 'simbólicos', através da escravização quase servil dos camponeses, e de privações dos mais elementares meios de mecanização, e da nomeação de presidentes de quintas colectivas fundamentada na astúcia e no adular dos indivíduos nomeados», política essa que provocou profundo abalo na economia, arruinou o modo de vida dos camponeses e causou inevitáveis repercussões igualmente prejudiciais no sector industrial, mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com o seu conteúdo de colectivização recheado de nacionalizações, expropriações, intervenções estatais (as mais demagógicas e insensatas), sem indemnizações justas e até mesmo sem qualquer indemnização, mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com seu séquito desumano de «represálias exercidas sobre prisioneiros de guerra, que sobreviveram aos campos de concentração fascistas (onde estará a diferença entre 'fascismo' e 'bolchevismo?') e que, posteriormente, foram transferidos para os estalinistas, do mesmo género, aliás»; com o seu recheio de exilios criminosos de povos inteiros, condenados à morte lenta; com as suas «leis draconianas elaboradas com vista à protecção da propriedade socialista (pena de prisão de cinco anos por roubo de alguns grãos dos campos, e assim por diante) e que redundaram essencialmente num meio de ir ao encontro das exigências do «mercado de escravos»; com a Tcheka (Comissão Extraordinária, encarregada de reprimir a contra-revolução, a sabotagem e a especulação) e a P.P.U. (Administração Política do Estado); com o M.G.B. (Ministério da Segurança do Estado a abrigar os órgãos desde 1946) e o K.G.B. (Departamento da Segurança do Estado, sucessor do M.G.B., em 1954); com o N.K.V.D. (Comissariado do Povo do Interior, que obrigou os órgãos a partir de 1934) e o M.V.D. (Ministério do Interior, que sucedeu ao N.K.V.D., em 1946); com a O.G.P.U. — G.P.U. unificada — (nome que tomaram os órgãos em Dezembro de 1922); com a G.U.I.T.U. (Direcção Central dos Campos de Reabilitação pelo Trabalho), a G.U.M.Z. (Direcção Central dos Lugares de Detenção), a G.U.P.R. (Direcção Central dos Trabalhos Forçados); os I.T.L. (Campos de Reabilitação pelo Trabalho), os S.L.O.N. (Campos do Norte de Destino Especial, ou sejam as Ilhas Solovskí e seus anexos), a Uitk (Direcção dos Campos e Colónias de Reabilitação pelo Tra-

balho), a Usvitlag (Direcção dos I.T.L. do Nordeste direcção dos campos de Kolima); com a Vetcheka (a Tcheka ao nível de toda a República Russa) com o Gulag (Direcção Geral dos Campos de Concentração); etc., etc... mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo, com suas elites burocráticas; com a sua demagogia, violência, crueldade e vileza com o seu «culto imbecil na China pelo ano de 1968 formas monstruosas grotescamente trágico-cómicas, em que muitos dos traços do estalinismo e do hitlerismo chegaram a tocar as ralas do absurdo — absurdo que, no entanto, provou ser operante para troçar de dezenas de milhões de indivíduos e aniquilar e humilhar milhões de pessoas mais honestas e inteligentes»; o marxismo, por tudo isto, mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana;

O marxismo que, com o seu totalitarismo revolucionário, o seu facciosismo intolerante, o seu despotismo opressor, o seu fanatismo partidário, o seu sectarismo ideológico, com a ditadura totalitária de seu ateísmo militante, não respeita os direitos humanos, não reconhece o direito à greve, sujeita a produção a índices violentíssimos mercê da imposição de rigorosíssima disciplina de trabalho, reduz os salários a níveis de repouso em jornadas de trabalho gratuito forçando «dias de salário para isto e para aquilo» (ensaio feito em Portugal no domingo 6 de Outubro de 1974 — o paralelismo entre o que sucedeu à Rússia após a Revolução de 1917 e o que se deu em Portugal entre o 28 de

Setembro de 1974 e o 25 de Novembro de 1975 é suficientemente sintomático...) e confiscando as magras economias para bilhetes de tesouro, etc... (saberão de tudo isto os marxistas de aquém da Cortina de Ferro?), mata a liberdade e destrói a dignidade da pessoa humana.

O marxismo, seja qual for a sua forma (estalinismo ou maofismo...) com a sua legião de crimes praticados contra os direitos humanos; estabelecendo a luta de classes como suprema regra da moralidade; negando a verdade e o direito; apolando-se numa dialéctica materialista falsa, num determinismo sociológico-económico absoluto, num cientismo racionalista, num positivismo agnóstico, num humanismo colectivista, num completo relativismo moral, num ateísmo sistemático, num pseudo-religiosismo essencialmente imanentista, etc., etc... é acusado de matar a liberdade e de destruir a dignidade da pessoa...

Ora, é, ou não, esta, a verdade que recal sobre a prática da ideologia marxista, na União Soviética?

Portanto, e para já, perante tais acusações que fazem do marxismo um monstro de crueldade devorador da liberdade e da dignidade do homem, como pode um cristão ser marxista? Não terá inteira razão Paulo VI, bem como o Conselho Permanente do Episcopado Francês? Cristo terá, porventura, alguma coisa que ver com um tal Marx?

(In Lumen/79)

RIGOR & IRMÃO, LDA.

CARPINTARIA — MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO — FERRAGENS

CASTELO DO NEIVA

4900 VIANA DO CASTELO

Telefs.: Escrit., 87318 — Oficina, 87180 (Rede de Braga)

A Polónia e a sua protectora

A Polónia, nação milenária de um povo profundamente católico, tem sido ao longo de sua história duramente provada. Território aberto à cobiça dos povos vizinhos, foi invadido e retalhado, pasto de guerras sem fim, campo de batalha e estrada de exércitos; viu-os passar vitoriosos e vencidos, viu-se livre e subjugado. Mas o seu povo — povo mártir como poucos — manteve sempre a sua identidade, guardou sempre a sua fé viva e um grande amor a Nossa Senhora a quem venera como Protectora e Salvadora.

Terminada a guerra de 1945 depois de 6 anos de horror, de destruição, quando o mundo começava a respirar a paz eis que outro poder mais terrível se abate sobre a Polónia dominando-a até hoje — 34 anos passados: o comunismo.

E recomeçam as perseguições, as deportações, a morte, a destruição mas desta vez por causa de Cristo, pelo amor a Cristo! A fé não vacilou, o amor à Mãe não esmo-

receu, antes se aprofundaram, cresceram e, como o aço, ganharam tempera pela prova do fogo. E hoje, mais fortes, dão testemunho! Os seminários já não têm capacidade para receber os jovens que querem ser sacerdotes... As igrejas estão cheias de fiéis... Os sacerdotes vestem o traje eclesiástico... As vocações missionárias e religiosas aumentam.

O centro de toda a oração é JESUS-EUCARISTIA, adorado e amado publicamente, sem medo. Que sinal para toda a Igreja! Que exemplo para todos nós católicos de Portugal, católicos do mundo ocidental, do mundo livre! Que mal temos usado a nossa liberdade!

Em 1382, Ladislau, duque de Opole, traz da Rússia para o Mosteiro dos Padres Paulinos de Jasna-Gora um retábulo representando Nossa Senhora e o Menino Jesus cuja autoria o povo atribui ao Evangelista S. Lucas: é a Senhora de Czestochowa, a Virgem Negra, a Padroeira da Polónia, sua Protectora e Salvadora.

A sua festa celebra-se a 15 de Agosto — Assunção de Nossa Senhora. O povo polaco, aos milhares, acorre ao Santuário para dizer e testemunhar à Virgem Santíssima o seu amor e reconhecimento. Nos primeiros anos do pós-guerra o governo comunista tentou estancar esta grande devoção e para isso, entre outras medidas, suspendeu os transportes para Czestochowa. Mas nada conseguiu. Já que não têm trans-

porte, os polacos farão a sua peregrinação a pé. De toda a Polónia convergem para o Santuário grupos de peregrinos.

Em Varsóvia, a capital que fica a 240 km. de distância, reúnem-se os peregrinos, sobretudo jovens, na madrugada de 6 de Agosto. Ouvem Missa, recebem a benção e a cantar e a rezar, com bandeiras à frente, iniciam a marcha. As 8 horas da manhã os sinos da cidade repicam dando o sinal da partida a estes milhares de católicos que desfilam por entre as saudações dos que ficam. São 9 dias de caminhada, a uma média de 30 km por dia; à organização de cada etapa nunca faltam Missa, Terço e cânticos.

Ao longo do percurso os habitantes das várias povoações recebem com carinho os peregrinos dando-lhes água, pão, frutos, etc. E em cada paragem novos grupos de peregrinos engrossam a marcha.

No dia 14 de Agosto a grande Peregrinação de Varsóvia entra triunfalmente em Czestochowa por entre aclamações dos peregrinos que já chegaram de toda a Polónia. Na manhã seguinte — Festa da Assunção de Nossa Senhora — amontoam-se junto dos confessionários antes da Missa solene.

E todos os anos nesta data, o Episcopado da Polónia ali reunido, renova a consagração ao Imaculado Coração de Maria!

Deus guarde a Polónia e o seu Povo.

António Nuno

CASA VIEGAS

Manuel Gonçalves Vieira

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Telefone (Braga) 87175

S. ROMÃO DE NEIVA

4900 VIANA DO CASTELO

Passeio - Convívio da Comunidade Paroquial

O Sector de Passelos da JAECCA, organizou para o passado dia 22 de Julho. O passeio-convívio da Comunidade Paroquial que teve como ponto alto — o Santuário de Nossa Senhora das Neves da Peneda.

A propósito, com interesse para muitos, recorda:

«É o mais antigo e mais célebre santuário mariano do Minho. O povo conta duas lendas acerca da origem da devoção à Mãe de Deus na Peneda, uma das quais é apresentada por Fr. Agostinho de Santa Maria (aparição a uma pastorinha) e outra pelo P. António Carvalho (aparição ao criminoso). Quanto à primeira, conta-nos que a Senhora viera em forma de pomba pousar sobre uma penha e disse a uma pastorinha: «é minha vontade que seja construída uma igreja neste lugar para que os homens aqui possam vir trazer-me as suas homenagens». A pastorinha contou a visão e o pedido, mas ninguém a acreditou, o que a entristeceu muito. Um dia ao passar no mesmo local vê a imagem da Senhora que a tranquiliza: «já que não acreditam, diz-lhes que me tragam cá, essa entrevada de há 18 anos, chamada Domingas Gregória, do lugar de Rouças, que val ser curada». A vidente espalhou a notícia e no dia seguinte lá vai a doente acompanhada de muitos homens, que fica curada ao ver a imagem. Todos acreditaram e procuraram cumprir a vontade da Senhora — construir uma igreja.

A lenda do criminoso, em resumo, era o seguinte: Um criminoso de Ponte do Lima, fugiu à justiça e foi esconder-se na serra

da Peneda que tem tradição de servir de esconderijo a criminosos e ladrões, alguns deles célebres. Este homem, encontrando-se só, no meio da serra, meditou no mal que fez e pediu perdão a Deus e a protecção da Santíssima Virgem. Esta ouviu-o e apareceu-lhe para o consolar.

Alguma destas versões merecerá crédito? Talvez não.

Há ainda quem afirme que a Peneda, não era outra coisa, que o ponto de reunião dos muitosromeiros que se dirigiam em peregrinação a S. Tiago de Compostela, porque «quem lá não fosse enquanto vivo teria de ir depois de morto» combinariam osromeiros de diversas regiões e aí fizeram uma ermida, como lugar de partida.

Há ainda outra versão, mais fácil de aceitar. A quando da invasão dos sarracenos, os cristãos fugiam e geralmente levavam consigo uma imagem de Nossa Senhora para se reconhecerem em qualquer parte onde se encontrassem. Como a serra da Peneda é muito própria para esconderijos, é natural que algum grupo de cristãos, fugindo aos sarracenos, por aí tivessem passado, deixando a imagem de Nossa Senhora, que foi depois encontrada, fosse pelo criminoso, fosse pela pastorinha.

O povo terá aí acorrido, feito grandes sacrifícios e a Senhora dispensado favores aos seus devotos que àquele lugar de tão difícil acesso lhe iam prestar homenagem.

A invocação «Senhora das Neves» que aparece muitas vezes, será porque o local onde foi encontrada a imagem, está grande parte do ano coberto de neve e então. Mais

tarde, no séc. IV, quando a Igreja começou a invocar a Mãe de Deus, com o título «das Neves» com festa litúrgica em 5 de Agosto, os devotos da Peneda diriam que a aparição ou encontro da imagem se deu naquele dia do ano de 1220, o que de facto não repugna.

O Agiologio Lusitano, de Jorge Cardoso, escrito em 1657 diz que Fr. Pedro Gonçalves (o Santelmo falecido em 1246), «residiu muito tempo ora no hospital de Guimarães... ora na ermida de Nossa Senhora da Peneda... onde retirava para vacar contemplação».

Um documento de D. João VI que se encontra junto aos estatutos reformados em 1811 diz que «aquele templo tinha sido feito por esmolas dos fiéis tendo o seu principio há mais de 600 anos».

A primitiva ermida deve ter sido construída no principio do século XII.

As capelas foram idealizadas aí por 1700 e o maior impulso à sua construção foi dado em 1781 com muitas dificuldades por o local se encontrar a 30 km. de distância. Em 1787 estavam mais ou menos concluídas e fez-se a coluna com o Anjo São Gabriel que se vê no terreiro a seguir à entrada principal do santuário com a seguinte inscrição: «Governando a Igreja Católica, o Santo Padre Pio VI no ano XIII do seu pontificado, reinando em Portugal D. Maria I Augusta Fidelíssima no Ano X do seu Império, regendo a igreja bracarense o Arcebispo D. Gaspar, Príncipe Pio singular magnífico no ano XXVIII do seu governo. Os administradores deste santuário, depois de restaurarem as suas ruínas, impetraram a graça perpétua do jubileu sagrado, colocarem o augustíssimo sacramento no tabernáculo santo, ampliarem o antigo terreiro e, fundarem estes santos e magníficos edifícios, puseram esta pedra para monumento eterno do seu zelo, triunfo da religião e glória imortal da Santíssima Virgem, na era cristã de MDCCCLXXXVII».

Em 12/10/1792 veio examinar as contas da confraria um ministro de D. João VI que não concordou com a obra das capelas e apresentou um «AVISO RÉGIO» datado e assinado no Palácio de Queluz em 22/8/1792. Mandou que metade dos rendimentos da confraria fossem para os encargos e festa anual, mas não festa profana, e o resto para colocar a juro como fundo da confraria.

Como neste ano de 1792 uma forte epidemia vitimasse muitos pobres do concelho da Montaria do Soajo (Soajo, Gaviela e Ermelo) mandou o ministro que um médico, um cirurgião e um boticário dos Arcos fossem para o dito concelho tratar os doentes a expensas da confraria.

Uma provisão assinada no Rio de Janeiro em 22/3/1819 por D. João VI declara Sua Magestade protectora da Irmandade e eleva-a a «Real».

O actual templo foi construído depois das capelas e inaugurado em 7/9/1857 tendo sido nessa altura adaptado o velho a casa de hospedagem pararomeiros.

Em 1884 as festas tiveram um brilho extraordinário em acção de graças à Santíssima Virgem «por ter livrado o nosso reino do terrível flagelo da cólera de que fomos ameaçados».

Em 11/1/1895 começa a funcionar a expensas da confraria o Asilo de Inválidos numa casa arrendada. E em 5/7/1918 é inaugurado o edifício próprio para aquela casa de caridade.

A romaria da Peneda que se realiza de 31 de Agosto a 8 de Setembro é das mais concorridas do país, tanto por portugueses como por espanhóis. É de notar a propaganda que a imprensa espanhola faz da romaria, sendo de muitos milhares o número de peregrinos da nação vizinha.

Na romaria de 1963 foi calculado em 20.000 o número de peregrinos que acorreram ao santuário em plena serra da Peneda e de difícil acesso. O que será a romaria quando automóveis ou autocarros poderem transitar livremente um dia que a E. N. 202 esteja concluída!

SERRALHARIA CUNHA

DE

Manuel Dias Cunha

BELINHO — ESPOSENDE

TELEF. 87400

Testemunho dum leitor

Lisboa, 28 de Junho de 1979

Senhor Reitor:

Venho penitenciar-me do grave pecado de ainda, e por descuido o que prova a

Especializados em todos os trabalhos de Mármore, assim como Sepulturas, Escadarias, Pectoris, etc.

**Marcelino,
Silva & Silva**

MARMORISTAS

Freguesia de Cabreiros
(Junto ao Posto Médico)
Telefone P. F. 91107 — BRAGA

faixa, não ter enviado a minha contribuição anual para a «Voz de Antas» que com Santo agrado e saudade escuto, mesmo no meio do Pavilhão Lisboaeta.

Lisboaeta e menino de Belinho, casa onde criei raízes e cujas saudades são ninhos, desde os já longínquos anos de 1935, é quasi como emigrante que leio a «Voz» que me recorda os tempos idos de tranquilidade e paz autêntica que então se vivia, e vive, na comparação com esta cidade.

Bem hoje Sr. Reitor, por me enviar através da «Voz» um pouco da minha juventude, sempre encontrada quando vou à Quinta, onde tanto recebi da minha formação, onde fiz a minha primeira confissão e comunhão, ou à sua Igreja, onde recebi o Crisma.

Vê agora Sr. Reitor porque lhe disse que me vinha penitenciar de grave pecado. Não cumprir com um tão fácil dever para com a «Voz» é para além de tudo ingratião, e eu a Antas só posso e quero ser grato.

Do coração lhe beijo a mão que em nome de Deus abençoe

Manuel J. Carvalho Costa



Em 40 anos de actividade, a Rádio Renascença tem mantido sempre o seu lema de informar de verdade. Emissora independente, não dispõe de receitas resultantes da cobrança de taxas nem conta com subsídios ou apoios oficiais. O nível, hoje alcançado, só é possível manter-se e melhorar com a ajuda dos ouvintes que nos preferem. Nesta altura, em que a Rádio Renascença se empenha na tarefa de chegar até aos nossos emigrantes, espalhados pelo mundo, através de emissores de Onda Curta, já adquiridos e em fase de instalação, é também necessário completar o programa de «ir mais longe» com o equipamento de Onda Média, para uma perfeita cobertura do nosso país. A sua ajuda é indispensável para cumprirmos a nossa missão.

Precisamos de si para ir mais longe

envie-nos o seu donativo para a aquisição dos Novos Emissores

CONTAMOS CONSIGO

LAR-Av. da Liberdade, 173-5.-LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 766-7.-PORTO

Rádio Renascença

Para informar de verdade

UM SORRISO

Idade complicada

Um dia perguntaram à actriz Laura Alves quanto anos tinha.

Laura Alves respondeu ao curioso:

— Multiplique cinco por trinta, tire-lhe

vinte, ponha-lhe dez, divida por dois, junte-lhe seis, diminua quarenta, divida em três partes, aproveite duas, deite fora três números e aí está a minha idade.

Atenção, Lobito!

Tu, que dentro de 1 ou 2 anos vais passar a ser explorador júnior, não poderás deixar acabar a tua Alcateia, nem o teu bando. Traz um amigo contigo para a tua Alcateia.

Fala com um chefe do C.N.E.

Atletismo

Em 17-6-79 Prova de Atletismo em Marinhãs que contou com a participação de várias Equipas, estando presente a J. A. E. O. C. A.

A primeira Prova foi corrida pelas Atletas Femininas tendo a equipa da JAEOCA obtido o segundo lugar por equipas. A classificação foi a seguinte:

- Maria Alice, 8.ª.
- Maria Arminda, 9.ª.
- Deolinda Rosa, 10.ª.
- Maria de Fátima, 15.ª.
- Maria Isabel, 16.ª.

Na prova de Juniores Masculinos os nossos atletas obtiveram a seguinte classificação:

- Bernardo Viana, 23.º.
- Augusto Rô, 28.º.
- Arlindo Brito, 21.º.
- David Torres, 26.º.

Na Prova de Seniores Masculinos, os nossos atletas não foram tão felizes obtendo as seguintes posições:

- António Caramalho, 42.º.
- Manuel Caramalho, 43.º.
- António Emílio, 47.º.
- Avelino Cunha desistiu.

Realizou-se em S. Bartolomeu do Mar em 26-6-79 o III Grande Prémio de Atletismo de Mar que contou com a presença de cerca de 120 atletas representando várias colectividades tendo o percurso a distância de 8 quilómetros.

Realizando uma espectacular corrida Mário Lemos o já famoso atleta da JUM (Marinhãs) venceu e convenceu já que não teve adversário à altura embora um ou outro tentasse a sua chance não o conseguindo pois o já referido corredor não deu hipótese alguma terminando com cerca de 100 metros de avanço sobre o 2.º classificado.

Os atletas da JAEOCA fizeram a sua corrida tendo obtido por equipas a 11.ª posição sendo premiados com a respectiva taça.

Por equipas venceu a equipa JUM (Marinhãs).

Futebol

JAEOCA, 4 — CASTELO, 2

Em Castelo do Neiva a equipa da JAEOCA defrontou uma equipa local apresentando: Raul, Ernesto, Cândido, Toninho, Martinho Saleiro; Vieira, Pires, Berto; Rolo, Tone Meira, Catreu.

Deu muita luta esta equipa que à pri-

meira vista parecia de fraco nível fazendo suar os jogadores da JAEOCA. Foi porém a nossa equipa que logrou inaugurar o marcador por intermédio de Berto que aproveitou bem um passe de Catreu.

Como que acordados a equipa local veio para a frente e conseguiu marcar dois golos de rajada qualquer deles sem defesa possível para o nosso guarda-linha Raul. Acreditando contudo nas suas possibilidades a nossa equipa começou então a praticar um futebol muito certinho vindo por isso a obter três golos qual deles o mais espectacular por intermédio de Cândido, Catreu e novamente Berto. Foi realmente uma boa partida de futebol esta realizada pelas duas equipas.

II Torneio de Tiro aos Pratos

A semelhança do que aconteceu no ano transacto, o Sector de Actividades Livres da JAEOCA levou a cabo, nos dias 7 e 8 de Julho, o II Torneio de Tiro aos Pratos.

Apesar das enormes dificuldades que se levantavam à partida, graças à colaboração preciosa dum punhado de jovens o acontecimento foi um êxito em todos os aspectos.

No dia 7, Sábado, teve lugar o torneio concelhio para Amadores. Doze atiradores disputaram animadamente os troféus numa ponte em 20 pratos. Na sombra do pinhal largas dezenas de pessoas assistiam à prova que teve momentos alucinantes. No final a classificação ficou assim ordenada.

- 1.º — Cândido Ferreira (com 11 em 20 pratos)
- 2.º — José Augusto
- 3.º — José Vieira
- 4.º — Armando Rolo
- 5.º — Manuel Pires Martins
- 6.º — Manuel Juca
- 7.º — Manuel Ferreira
- 8.º — António Barros
- Cândido Viana
- Jermecindo
- 11.º — José Ferreira
- José Costa

No dia seguinte, Domingo, às 16 h. efectuou-se a prova para consagrados. Desta vez 14 concorrentes, entre os quais alguns conceituados atiradores, disputaram com todo o empenho e ardor os valiosos prémios do Torneio com destaque para as duas taças em prata.

Numa ponte em 25 pratos os atiradores classificaram-se do seguinte modo:

- 1.º — Paiva (com 23 em 25 pratos)
- 2.º — Fernando Neves
- 3.º — J. Antero Rodrigues
- 4.º — Baganha
- 5.º — Carlos Campos
- 6.º — Cândido Feio
- 7.º — Hilário
- 8.º — Campos (Júnior)
- 9.º — António Aroso
- Peixoto (Júnior)
- 11.º — Manuel Vitorino
- 12.º — José Augusto
- 13.º — Armando Peixoto
- 14.º — Cândido Feio (Júnior)

Terminada a principal prova da tarde outras surpresas aguardavam atiradores e

público: um pequeno torneio-extra para os atiradores de Antas no qual estava em disputa uma carpeta inglesa no valor de 1.500\$00, oferta de Cândido Feio.

A pranchada (ponte em 10 pratos), mais alguns para desempate dos 1.º lugares foi vencida por Joaquim Miranda após eliminação progressiva dos outros concorrentes.

Seguiram-se ainda alguns outros torneios-extra e treinos até ao pôr-do-sol.

Entretanto havia-se procedido à entrega dos prémios por entre explosões de alegria e calorosos aplausos.

Uma palavra de simpatia para o tasco, bem apetrechado de bebidas e petiscos (consolo dos atiradores derrotados ou não e das muitas pessoas que assistiram sem arrear pé ao «tirotole», abrigadas daquele «calor de ananases» na sombra do pinhal), para o público, para a mesa e fiscalização, para os atiradores, para os que ofereceram taças ou contribuíram monetariamente, enfim!, para todos os que tornaram possível esta grande Jornada de desporto e confraternização.

A todos o nosso muito obrigado!

M. N.

António Corrêa d'Oliveira



— Poeta da Pátria e da Fé
— Encanto dos Humildes

No Centenário do seu nascimento

No próximo dia 30 de Julho passa o Centenário do nascimento do POETA. Relembrar esta figura do passado, evocá-la como exemplo e dá-la como testemunho ao presente, parece-nos ser justa Homenagem.

Disso encarregar-se-á o sector de cultura da JAEOCA, ao longo dum ano. A comissão para esse fim será constituída por um representante da Casa de Belinho, um da malta estudantil, presidente da Associação (JAEOCA) e responsável do sector de cultura.

E Corrêa d'Oliveira, glorioso Lírico, é bem o símbolo do amor à Pátria e da adesão a Cristo, que, sabendo desafiar o infinito, sabia também ajoelhar e agradecer a Deus tão grande dádiva divina... Ele próprio confessaria:

MAS EIS QUE TE ENCONTREI, DE FACE A FACE,
Ó CRISTO! E ME CHAMOU A TUA VOZ,
TALVEZ (QUEM SABE) PARA QUE EU CHAMASSE ...

SANTO PELAGIO DE ANTIS (S. Paio de Antas)

(Continuação do n.º 30)

O adro só tinha uma entrada, a que chamavam Fôjo, umas cancelinhas de ferro e dois ciprestes «símbolo da morte» onde dormiam todos os pardais da freguesia e antes de vir a noite atormentavam o pobre pároco com o seu canto infernal.

O cruzeiro estava em um pequeno largo, em frente às cancelinhas.

«Em fim, exclama ele, tudo era pequeno e mesquinho».

Em 1879 o Barão de Maracanã, Manoel Gonçalves Pereira, natural desta freguesia, filho de João Gonçalves Pereira e de D. Maria Rodrigues Meira, comprou a casa dos Cunhas o terreno fronteiro à Igreja e em seguida o povo terraplanou o que hoje é o adro e mudou-se a Casa da Fábrica, para o sítio onde está.

Nesse mesmo ano deu-se princípio às obras da Igreja, alargando-a para o lado do

norte, fazendo-se mais uma nave com três arcos, iguais aos da nave do sacramento, e levantando-se todo o edifício uns seis palmos.

Em seguida alteou-se e alargou-se o Arco Cruzeiro e fez-se de novo a Capela Mór.

Fez-se o sanefão naquele arco e dorrou-se tudo.

Havia, porém, ainda um defeito, «o templo era mais largo que comprido, o que a desfelava».

Só em 1895 é que se fizeram as obras do aumento da Igreja, a sua portaria e a torre.

Esta alta torre eleva-se ao centro da Igreja, por cima da sua porta principal, tendo por baixo das sineiras um nicho, onde se venera a imagem em pedra do padroeiro São Paio.

Na parte exterior da parede desta igreja, ao lado da porta travessa, do lado direito,

vê-se uma pedra com uma inscrição, cuja tradução, segundo alguns epigrafistas é a seguinte: «na era de 1163, aos 28 de Abril, Dom Paio Soares fundou estas obras por mercê».

Tem duas sacristias; na do lado direito vê-se dependurado na parede o retrato do P. Bento José da Mota. No arco cruzeiro do lado da epístola lê-se numa lápida a seguinte inscrição: (o Arcebispo de Braga D. Manoel Batista da Cunha visitou esta igreja 1-12-1904).

[continua no próximo jornal]

Rectificação do jornal anterior:

«Padre Bento José da Mota, nasceu na freguesia de Salvador do Campo, do concelho de Barcelos».

ALBINO PEREIRA DE SA

Atletismo

Em 17-6-79 Prova de Atletismo em Marinhãs que contou com a participação de várias Equipas, estando presente a J. A. E. O. C. A.

A primeira Prova foi corrida pelas Atletas Femininas tendo a equipa da JAEOCA obtido o segundo lugar por equipas. A classificação foi a seguinte:

- Maria Alice, 8.ª.
- Maria Arminda, 9.ª.
- Deolinda Rosa, 10.ª.
- Maria de Fátima, 15.ª.
- Maria Isabel, 16.ª.

Na prova de Juniores Masculinos os nossos atletas obtiveram a seguinte classificação:

- Bernardo Viana, 23.º.
- Augusto Rô, 28.º.
- Arlindo Brito, 21.º.
- David Torres, 26.º.

Na Prova de Seniores Masculinos, os nossos atletas não foram tão felizes obtendo as seguintes posições:

- António Caramalho, 42.º.
- Manuel Caramalho, 43.º.
- António Emílio, 47.º.
- Avelino Cunha desistiu.

Realizou-se em S. Bartolomeu do Mar em 26-6-79 o III Grande Prémio de Atletismo de Mar que contou com a presença de cerca de 120 atletas representando várias colectividades tendo o percurso a distância de 8 quilómetros.

Realizando uma espectacular corrida Mário Lemos o já famoso atleta da JUM (Marinhãs) venceu e convenceu já que não teve adversário à altura embora um ou outro tentasse a sua chance não o conseguindo pois o já referido corredor não deu hipótese alguma terminando com cerca de 100 metros de avanço sobre o 2.º classificado.

Os atletas da JAEOCA fizeram a sua corrida tendo obtido por equipas a 11.ª posição sendo premiados com a respectiva taça.

Por equipas venceu a equipa JUM (Marinhãs).

Futebol

JAEOCA, 4 — CASTELO, 2

Em Castelo do Neiva a equipa da JAEOCA defrontou uma equipa local apresentando: Raul, Ernesto, Cândido, Toninho, Martinho Saleiro; Vieira, Pires, Berto; Rolo, Tone Meira, Catreu.

Deu muita luta esta equipa que à pri-

meira vista parecia de fraco nível fazendo suar os jogadores da JAEOCA. Foi porém a nossa equipa que logrou inaugurar o marcador por intermédio de Berto que aproveitou bem um passe de Catreu.

Como que acordados a equipa local veio para a frente e conseguiu marcar dois golos de rajada qualquer deles sem defesa possível para o nosso guarda-linha Raul. Acreditando contudo nas suas possibilidades a nossa equipa começou então a praticar um futebol muito certinho vindo por isso a obter três golos qual deles o mais espectacular por intermédio de Cândido, Catreu e novamente Berto. Foi realmente uma boa partida de futebol esta realizada pelas duas equipas.

II Torneio de Tiro aos Pratos

A semelhança do que aconteceu no ano transacto, o Sector de Actividades Livres da JAEOCA levou a cabo, nos dias 7 e 8 de Julho, o II Torneio de Tiro aos Pratos.

Apesar das enormes dificuldades que se levantavam à partida, graças à colaboração preciosa dum punhado de jovens o acontecimento foi um êxito em todos os aspectos.

No dia 7, Sábado, teve lugar o torneio concelhio para Amadores. Doze atiradores disputaram animadamente os troféus numa ponte em 20 pratos. Na sombra do pinhal largas dezenas de pessoas assistiam à prova que teve momentos alucinantes. No final a classificação ficou assim ordenada.

- 1.º — Cândido Ferreira (com 11 em 20 pratos)
- 2.º — José Augusto
- 3.º — José Vieira
- 4.º — Armando Rolo
- 5.º — Manuel Pires Martins
- 6.º — Manuel Juca
- 7.º — Manuel Ferreira
- 8.º — António Barros
- Cândido Viana
- Jermecindo
- 11.º — José Ferreira
- José Costa

No dia seguinte, Domingo, às 16 h. efectuou-se a prova para consagrados. Desta vez 14 concorrentes, entre os quais alguns conceituados atiradores, disputaram com todo o empenho e ardor os valiosos prémios do Torneio com destaque para as duas taças em prata.

Numa ponte em 25 pratos os atiradores classificaram-se do seguinte modo:

- 1.º — Paiva (com 23 em 25 pratos)
- 2.º — Fernando Neves
- 3.º — J. Antero Rodrigues
- 4.º — Baganha
- 5.º — Carlos Campos
- 6.º — Cândido Feio
- 7.º — Hilário
- 8.º — Campos (Júnior)
- 9.º — António Aroso
- Peixoto (Júnior)
- 11.º — Manuel Vitorino
- 12.º — José Augusto
- 13.º — Armando Peixoto
- 14.º — Cândido Feio (Júnior)

Terminada a principal prova da tarde outras surpresas aguardavam atiradores e

público: um pequeno torneio-extra para os atiradores de Antas no qual estava em disputa uma carpete inglesa no valor de 1.500\$00, oferta de Cândido Feio.

A pranchada (ponte em 10 pratos), mais alguns para desempate dos 1.º lugares foi vencida por Joaquim Miranda após eliminação progressiva dos outros concorrentes.

Seguiram-se ainda alguns outros torneios-extra e treinos até ao pôr-do-sol.

Entretanto havia-se procedido à entrega dos prémios por entre explosões de alegria e calorosos aplausos.

Uma palavra de simpatia para o tasco, bem apetrechado de bebidas e petiscos (consolo dos atiradores derrotados ou não e das muitas pessoas que assistiram sem arrear pé ao «tirotole», abrigadas daquele «calor de ananases» na sombra do pinhal), para o público, para a mesa e fiscalização, para os atiradores, para os que ofereceram taças ou contribuíram monetariamente, enfim!, para todos os que tornaram possível esta grande Jornada de desporto e confraternização.

A todos o nosso muito obrigado!

M. N.

SANTO PELAGIO DE ANTIS (S. Paio de Antas)

(Continuação do n.º 30)

O adro só tinha uma entrada, a que chamavam Fôjo, umas cancelinhas de ferro e dois ciprestes «símbolo da morte» onde dormiam todos os pardais da freguesia e antes de vir a noite atormentavam o pobre pároco com o seu canto infernal.

O cruzeiro estava em um pequeno largo, em frente às cancelinhas.

«Em fim, exclama ele, tudo era pequeno e mesquinho».

Em 1879 o Barão de Maracanã, Manoel Gonçalves Pereira, natural desta freguesia, filho de João Gonçalves Pereira e de D. Maria Rodrigues Meira, comprou a casa dos Cunhas o terreno fronteiro à Igreja e em seguida o povo terraplanou o que hoje é o adro e mudou-se a Casa da Fábrica, para o sítio onde está.

Nesse mesmo ano deu-se princípio às obras da Igreja, alargando-a para o lado do

norte, fazendo-se mais uma nave com três arcos, iguais aos da nave do sacramento, e levantando-se todo o edifício uns seis palmos.

Em seguida alteou-se e alargou-se o Arco Cruzeiro e fez-se de novo a Capela Mór.

Fez-se o sanefão naquele arco e dorrou-se tudo.

Havia, porém, ainda um defeito, «o templo era mais largo que comprido, o que a desfelava».

Só em 1895 é que se fizeram as obras do aumento da Igreja, a sua portaria e a torre.

Esta alta torre eleva-se ao centro da Igreja, por cima da sua porta principal, tendo por baixo das sineiras um nicho, onde se venera a imagem em pedra do padroeiro São Paio.

Na parte exterior da parede desta Igreja, ao lado da porta travessa, do lado direito,

vê-se uma pedra com uma inscrição, cuja tradução, segundo alguns epigrafistas é a seguinte: «na era de 1163, aos 28 de Abril, Dom Paio Soares fundou estas obras por mercê».

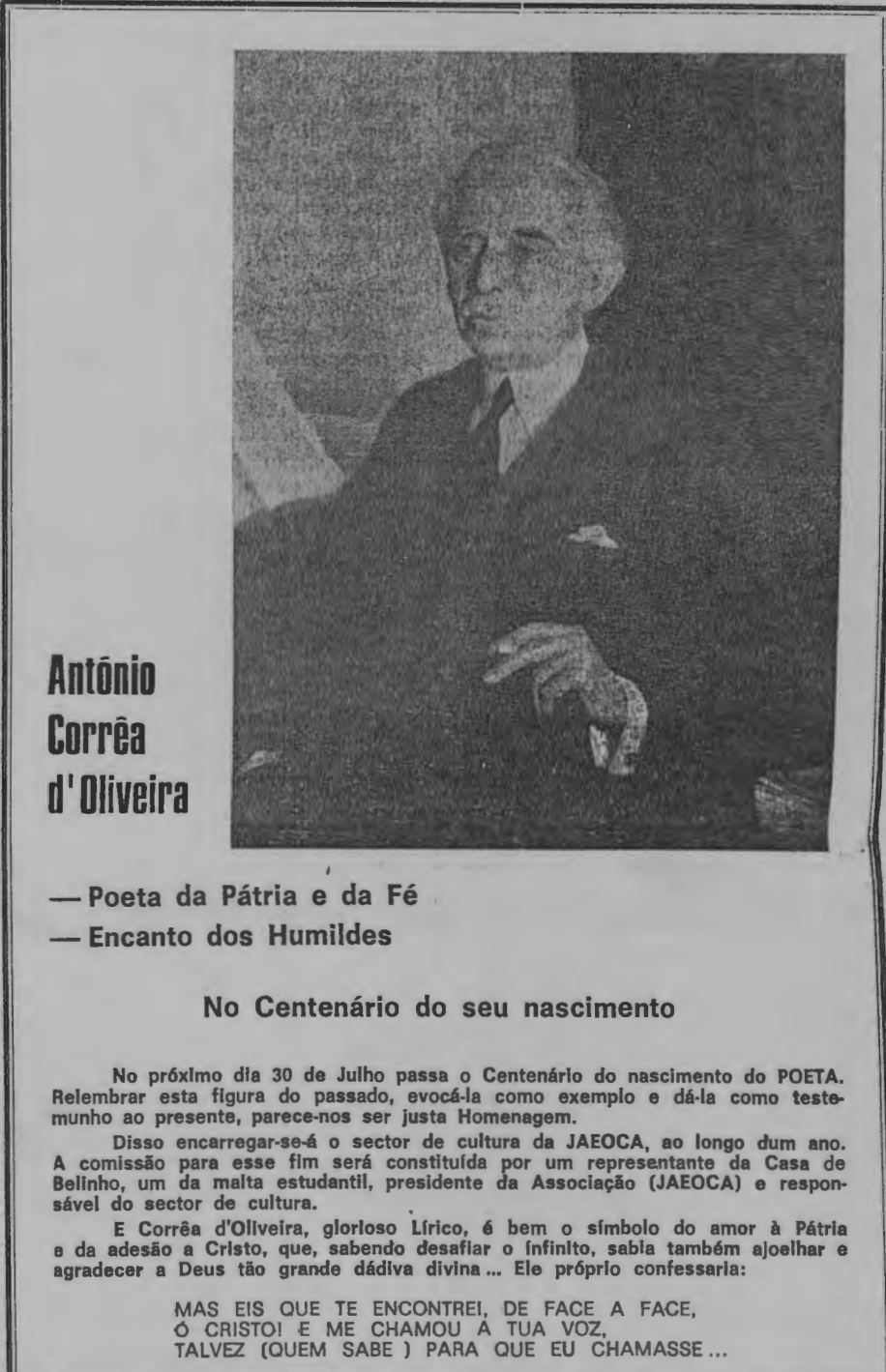
Tem duas sacristias; na do lado direito vê-se dependurado na parede o retrato do P. Bento José da Mota. No arco cruzeiro do lado da epístola lê-se numa lápida a seguinte inscrição: (o Arcebispo de Braga D. Manoel Batista da Cunha visitou esta Igreja 1-12-1904).

[continua no próximo jornal]

Rectificação do jornal anterior:

«Padre Bento José da Mota, nasceu na freguesia de Salvador do Campo, do concelho de Barcelos».

ALBINO PEREIRA DE SA



António
Corrêa
d'Oliveira

— Poeta da Pátria e da Fé
— Encanto dos Humildes

No Centenário do seu nascimento

No próximo dia 30 de Julho passa o Centenário do nascimento do POETA. Relembrar esta figura do passado, evocá-la como exemplo e dá-la como testemunho ao presente, parece-nos ser justa Homenagem.

Disso encarregar-se-á o sector de cultura da JAEOCA, ao longo dum ano. A comissão para esse fim será constituída por um representante da Casa de Belinho, um da malta estudantil, presidente da Associação (JAEOCA) e responsável do sector de cultura.

E Corrêa d'Oliveira, glorioso Lírico, é bem o símbolo do amor à Pátria e da adesão a Cristo, que, sabendo desafiar o infinito, sabia também ajoelhar e agradecer a Deus tão grande dádiva divina... Ele próprio confessaria:

MAS EIS QUE TE ENCONTREI, DE FACE A FACE,
Ó CRISTO! E ME CHAMOU A TUA VOZ,
TALVEZ (QUEM SABE) PARA QUE EU CHAMASSE ...